

A beata Alexandrina e sua vida eucarística (II)

Resumo

Seguindo a exposição do volume 24 sobre Alexandrina Maria da Costa, queremos agora relacionar sua vida ao mistério da Santa Missa nos seus quatro fins: latrêutico, eucarístico, propiciatório e impetratório. Nunca foi tão urgente recordar ao mundo o significado e o valor da Eucaristia como em nossos dias. A mensagem de Alexandrina é dirigida a cada pessoa de cada momento da história e é atual precisamente porque fala da Eucaristia, porque é obra de Deus nesta serva que fora transformada numa eucaristia viva. Pela Eucaristia e nela, a vida da beata torna-se presente, sempre nova, sempre transformadora e atualizadora, graças ao mesmo amor de Deus que é atual no tempo como uma força capaz de coordenar toda a história, guiando-a à sua verdadeira meta que coincide com sua própria fonte: Deus nosso Senhor.

Summary

Following the exposition of the previous article on Alexandrina Maria da Costa (see n. 24), we now want to show the relation her life to the mystery of the Holy Mass in its four ends: worship, thanksgiving, expiation and intercession. It has never been so urgent to remind the world of the meaning and value of the Eucharist as it is today. Alexandrina's message is addressed to each person at each moment in history and is current precisely because it speaks of the Eucharist, because it is the work of God in this servant who was transformed into a living Eucharist. Through the Eucharist and in it, the life of the saint becomes present, always new, always transforming and updating, thanks to the same love of God that is current in time as a force capable of coordinating all of history, guiding it to its true goal which coincides with its own source: God our Lord.

* * *

II. O mistério da Eucaristia em Alexandrina Maria da Costa

A Eucaristia é a atualização do sacrifício do Calvário¹, o mesmo e sempre novo na história da Igreja e do mundo. Nele, Cristo é ao mesmo tempo sacerdote, que oferece ao Pai sua vida como resgate de toda a humanidade, e vítima, uma vez que é o cordeiro levado ao matadouro, onde ninguém lhe tira a vida, mas dá-a livremente e por amor.

Este é o Sacramento dos sacramentos, instituído na grande noite, «a noite do maior milagre, do maior amor de Jesus», que quis ficar com cada um de nós². A Eucaristia é alimento que recobra a força da caridade e fonte de inteira conformidade com Deus; por isso, também de alegria na dor, como se verifica na beata Alexandrina. Se sorria até nos momentos mais difíceis, julgando ser um sorriso falso, mentiroso, enganador, é porque tinha fixa a meta da tarefa que o Senhor lhe havia confiado, a meta que era também o princípio e o motor de sua fidelidade e perseverança³.

Se pararmos para pensar em todos os mistérios da vida de Alexandrina em pleno século XX, ficamos sem palavras e ao mesmo tempo submersos num mar de graças e privilégios que parecem não ter fim. Por isso vamos concentrar-nos na Eucaristia, núcleo de sua espiritualidade e de sua mensagem e onde descansam todos os demais mistérios de sua vida.

Embora não tenha escrito um tratado sobre a Eucaristia ou sobre a vida espiritual, sua própria vida configura um verdadeiro tratado, cheio de uma riqueza espiritual inédita que impressiona, comove e inspira. Por isso, ainda que não seja um tratado sistemático, é-o no sentido de que tudo o que escreveu ou ditou contém um ensinamento de profundidade única, capaz de dar a conhecer o que é a vida divina na alma, os efeitos de uma íntima união com Deus e, de modo especial, os frutos deste excelso sacramento.

¹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica* (em diante, CIC) (11.X.1992), 1085; 1382; João PAULO II, carta encíclica *Ecclesiae de Eucharistia* (17.IV.2003), 5.

² COSTA, A., *Sentimentos da alma* (em diante, S) (8.III.1945), em COSTA, Alexandrina Maria da, *A Paixão de Jesus em Alexandrina Maria da Costa: Uma mística do nosso tempo*. Escritos da Alexandrina ordenados por Humberto M. Pasquale. Porto: Edições Salesianas 1979, 39.

³ Alexandrina era profundamente humilde e resignada à vontade divina inclusive diante das oposições ao caso Balasar, pelo que se vê mais uma vez sua identificação com Cristo humilhado e rechaçado pelos seus, tal como o profeta que não é bem recebido em sua própria terra (cf. Lc 4, 24; 1Pd 4, 13-14; PINHO, Mariano, *No Calvário de Balasar: Alexandrina Maria da Costa*, Braga: Apostolado da Oração 2005², 237ss).

Assim sendo, este capítulo pretende fazer um paralelo entre a vida da beata Alexandrina e os fins da Santa Missa⁴, sem pretensão ou possibilidade de esgotá-lo. Para começar, poder-se-ia perguntar: por que chamar sua vida *eucarística*? De um modo simples e tomando as palavras de santo Agostinho, diz-se eucarística porque, ao receber o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo Nosso Senhor, somos transformados n'Aquilo que recebemos. Somos como “eucaristizados”, e é aí onde o mistério que celebramos e recebemos toca cada uma das dimensões da vida humana e deve tornar-se vida, capaz de engendrar rebentos que revigoram as esferas da sociedade.

Dizer que Alexandrina tem uma vida eucarística refere-se ainda a três aspectos: assim como **a Eucaristia é sacrifício real, vida e alimento**, a doentinha de Balasar é *vítima* escolhida pelo Senhor para salvar almas e imolada em intensos sofrimentos, especialmente durante mais de trinta anos de sua vida; é apóstola, a quem se confiam os sacrários e os pecadores, numa doação íntegra e um desejo único de amar Deus e fazê-Lo amado por todos: esta é justamente sua *vida*, o que a move e dá sentido a todos os seus atos; por último, ela se *alimenta* somente deste Pão celestial durante os últimos treze anos de sua vida na terra. Particularmente nesses anos, Alexandrina recebe em seu ser a ação poderosa da Eucaristia e é configurada até as últimas e mais profundas consequências com Aquele que recebe. Nela se contemplam perfeitamente as dimensões da Eucaristia enquanto presença real e alimento de vida que fortalece e renova o homem, penhor de vida eterna⁵, mas sobretudo como sacrifício perpetuado da Cruz de Cristo⁶, o mesmo que há dois mil anos se celebra em cada altar até o fim do mundo.

Entre os inúmeros aspectos que caracterizam Alexandrina como mulher eucarística, podem-se apresentar sinteticamente os seguintes: a identificação com Cristo crucificado; a união aos sacrários, tendo «escolhido a melhor parte... o que há de mais sublime»⁷; a associação às virtudes de Cristo, como o amor ao silêncio, a humildade, a obediência e o abandono; sua missão de guardiã dos sacrários e das almas; a solidão e o recolhimento que possibilitam a intimidade e o desenvolvimento da vida divina na

⁴ Cf. Pio XII, carta encíclica *Mediator Dei* (20.XI.1947), 90-93.

⁵ Cf. CIC 1402; 1419.

⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, constituição dogmática *Lumen gentium* (em diante, LG) (21.XI.1964), 3.

⁷ PASQUALE, Humberto M., *Alejandrina: alma de vítima y de apóstol*, Madrid: Edibesa 2010, 53.

alma; a imitação de Maria, especialmente visível em sua entrega e doação sendo *virgem e mãe*, nova *redentora* da humanidade⁸; a participação na Paixão de Jesus; a promessa de ser conhecida no mundo, que nos remete à palavra de Nosso Senhor: *Quando for elevado da terra, atrairei todos a Mim* (Jo 12, 32), ou *Eu estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos* (Mt 28, 20); seu amor ardente e louco pelo sofrimento na disposição de abraçar a cruz até as últimas consequências: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos* (Jo 15, 13); o lema *amar, sofrer e reparar*, condensado nos mistérios de adoração, contemplação, expiação e missão, próprios da vida e oração cristã; sua morte num dia eucarístico-mariano, uma quinta-feira, 13 de outubro. Sua vida caracteriza-se como *eucarística* porque a Eucaristia era seu centro e sua meta, e todo o resto só tem razão e sentido dentro desta fonte que não cessava de atraí-la, onde sempre queria saciar-se e consumir-se.

1. A vida eucarística de Alexandrina enquanto adoração e ação de graças

Com o espírito nos sacrários. Ó meu querido Jesus, gostaria de visitar-Vos nos vossos sacrários, mas não posso, porque minha enfermidade obriga-me a ficar retida em meu querido leito de dor. Seja feita a vossa vontade, Senhor; mas, ao menos, meu Jesus, que não passe um momento sequer sem que eu vá em espírito às portinhas dos vossos sacrários para dizer-Vos: “Meu Jesus, eu quero amar-Vos! Quero abraçar-me toda nas chamas do vosso amor e suplicar-Vos pelos pecadores e pelas almas do purgatório.”⁹

Antes de entender a vida eucarística de Alexandrina nos atributos de vítima e apóstola, gostaríamos de refletir sobre sua vida como ação de graças e louvor a Deus, em união com os fins *latrêutico* e *eucarístico* da Santa Missa.

A Eucaristia é alimento que sacia e deve inflamar o coração, fazê-lo arder em chamas de amor, vida, força, ânimo. Pão que preenche a vida do homem e o torna capaz de compreender os mistérios divinos, como outrora os mesmos apóstolos puderam compreendê-lo¹⁰. É mistério grande porque é mistério de amor infinito, porque é mistério da grandeza divina.

⁸ Estes são outros nomes dados por Nosso Senhor a Alexandrina, cf. a primeira parte deste artigo, em GOMES SILVA, Gabriella, «A beata Alexandrina e sua vida eucarística (I)», *Sapientia Crucis* XXIV (2023) 73ss.

⁹ PASQUALE, H., *Alejrindrina: alma de vítima y de apóstol*, 38.

¹⁰ Cf. S (22.XI.1946), em Id., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 41.

Só por amor Jesus quis fazer-Se alimento para o homem, presença viva no coração de cada um; e «como Ele amou! Como Ele ama!» e quão grandes são «seus desejos de que vivêssemos d’Ele e para Ele»¹¹.

Jesus nos amou, eis aqui a razão do sacramento, e tal amor leva-O a querer estar em nós, ser desejado, acolhido e amado em resposta ao seu amor infinito. Ao receber Jesus Sacramentado, tornamo-nos um louvor vivo ao Pai, e o Pai olha do alto para os seus filhos transformados em seu Filho unigênito, partícipes da oferta de amor e adoração que Cristo eleva com cada cristão a Deus Pai.

No entanto, mesmo quando não recebia Jesus sacramentalmente, Alexandrina estava muito unida a Ele numa constante comunhão espiritual. Rendia-Lhe ação de graças, acompanhava e adorava-O. Não obstante impossibilitada de estar fisicamente presente diante do tabernáculo onde Ele habita dia e noite, desejava abrasar-se no amor de Jesus eucarístico e incendiar todas as almas desse amor. Assim exclamava: «Queria que todos conhecessem aquele mistério de pão e vinho transformados no Corpo e Sangue do Senhor! Que milagre prodigioso! Que abismo insondável de amor!»¹², e um amor estendido «a toda a humanidade»¹³.

Nessa atitude de Alexandrina pode-se contemplar o mistério da oração de Jesus e o que significa a adoração em espírito e verdade. É Jesus Cristo que habita nela, e ela, unida e conformada de tal modo com Ele, é capaz de oferecer a verdadeira e eficaz adoração que o Pai procura. Revestida de Cristo, podia cantar-Lhe glória e ação de graças incessantemente.

Se era capaz de adorar, é porque havia nela uma entrega e disposição verdadeiras, mas sobretudo possuía um espírito humilde, que se faz pequeno ante a presença do sagrado. Sempre adoradora e fiel Maria dos Sacrários-Calvários, queria viver só para o Senhor e não cessava de prostrar-se interiormente ante Jesus eucarístico com ideal reparador. Tal era esse amor, que dita esta inscrição surpreendente para seu túmulo:

Quero ser enterrada, se puder ser, de rosto virado para o sacrário da nossa igreja. Assim como na vida anseio estar junto de Jesus sacramentado e voltar-me para o sacrário as mais vezes possíveis, quero depois da minha morte continuar a velar o meu sacrário e manter-me voltada para ele. Sei

¹¹ *Ibid.* S (20.V.1949), 41.

¹² *Ibid.* S (15.XI.1946), 39.

¹³ *Ibid.* S (2.VIII.1946), 40.

que com os olhos do meu corpo não vejo o meu Jesus, mas quero ficar assim para melhor provar o amor que tenho à Divina Eucaristia.¹⁴

É este espírito adorador que também a impelia a aceitar em tudo a vontade de Deus, a obedecer-Lhe sem impedimentos e, em suma, a amá-Lo em qualquer circunstância de sua vida, com todo o seu ser. Se desejava que seu corpo, após sua morte, permanecesse em direção ao sacrário, era para demonstrar o amor com o qual amou Jesus durante toda a sua vida, porque de fato seu corpo também adorava o Senhor (cf. 1Cor 6, 20; 2Cor 4, 10-12), já que todo o seu ser havia sido renovado pelo amor de Deus e, por isso, havia-se convertido num tabernáculo, um templo da Santíssima Trindade, uma hóstia, uma nova presença, uma perene ação de graças, uma eucaristia viva.

Assim, levava uma vida eucarística e adoradora com a qual sempre glorificava o Pai, reconhecia sua infinita grandeza, bondade e poder, agradecia-Lhe por todos os mistérios divinos realizados em sua alma e na história, unia-se ao amor de Maria, dos anjos e santos, dava-Lhe graças, oferecia-se como vítima e pedia perdão por seus pecados e os de toda a humanidade, e intercedia pelas necessidades de toda a Igreja e de todos os que lhe eram confiados. Tudo isso resume o significado de adorar e dar graças a Deus, viver d'Ele e ser sua presença viva no mundo.

1.1 Hino aos sacrários

Desde pequena Alexandrina dedicava diariamente orações e meditações ao Santíssimo Sacramento¹⁵, mas entre os seus escritos destaca-se uma pérola muito valiosa: trata-se de uma oração, composta em 1928, que soa como um cântico aos tabernáculos¹⁶, no qual se percebem os elementos centrais de sua espiritualidade e missão: seu grande amor à Eucaristia e a tarefa de reparar os ultrajes que lhe são dirigidos e fazer Jesus amado por todos.

É um texto não somente cheio de grande riqueza e beleza literária, mas também de um conteúdo altamente teológico e espiritual que recorda al-

¹⁴ COSTA, Alexandrina Maria da, *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa*, I: *Autobiografia* (em diante, A), Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar y Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019³, 109.

¹⁵ Cf. A 29; 43.

¹⁶ Cf. A 47ss.

gumas passagens da Escritura, como o salmo 148, com o convite a todos os seres a louvarem o Senhor, ou o cântico dos três jovens na fornalha, descrito pelo profeta Daniel (cf. Dn 3, 57ss), ou ainda o *cântico das criaturas* de são Francisco de Assis. De fato, é próprio da criatura adorar Deus porque nasceu d'Ele e só n'Ele encontra seu sentido último¹⁷.

O objetivo de destacá-lo nesta seção é porque, poder-se-ia dizer, constitui uma espécie de síntese da vida da beata enquanto adoração e ação de graças e introduz-nos no mistério de vítima e apóstola, que aprofundaremos em seguida. Estas palavras resplandecem suas virtudes e movem aquele que as entoa à oração e ao desejo de participar desses desejos tão simples e ao mesmo tempo tão nobres.

Na primeira parte Alexandrina oferece o que lhe sucede, física e espiritualmente, tudo o que sofre como atos de amor a Jesus presente nos tabernáculos. É importante ter em conta que a missão que o Senhor tantas vezes lhe confia – *os sacrários e os pecadores* – é levada a cabo desde seu pequenino quarto, uma vez que, acamada, não pode sair para realizá-la ao pé da letra. É assim que Alexandrina exerce um autêntico apostolado sem sair de casa, à maneira de santa Teresinha do Menino Jesus.

Ó meu Jesus, eu quero que cada dor que sentir, cada palpação do meu coração, cada vez que respirar, cada segundo das horas que passar, sejam atos de amor para os vossos sacrários. Eu quero que cada movimento dos meus pés, das minhas mãos, dos meus lábios, da minha língua, cada vez que abrir os meus olhos ou os fechar, cada lágrima, cada sorriso, cada alegria, cada tristeza, cada tribulação, cada distração, contrariedades ou desgostos, sejam atos de amor para os vossos sacrários.

O Senhor, que tantas vezes lhe pede companhia e reparação e lhe diz que o remédio para todos os males do mundo encontra-se na Eucaristia¹⁸, não lhe concede o milagre da cura, mas sim afirma-lhe que é grande o milagre de sua vida¹⁹. Ele lhe pede e concede cumprir essa missão através de sua simplicidade e amor, manifestados numa generosidade heroica para sofrer tudo por Jesus e pelas almas²⁰.

¹⁷ Cf. FRANCISCO, carta encíclica *Laudato si'* (24.V.2015), 72.

¹⁸ Cf. COSTA, A., *Cartas ao Pe. Mariano Pinho, S.J. (1933-1955)* (em diante, C) (8.IV.1935), em COSTA, Alexandrina Maria da, *Solo per amore! Quasi un'autobiografia*, Eugenia y Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docete 2006, 157.

¹⁹ Cf. S (7.XII.1946), em PASQUALE, Humberto, *Beata Alexandrina*, Porto: Edições Salesianas 1998⁹, 178.

²⁰ Cf. C (7.XI.1935); C (3.VII.1938), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 102.

Depois aparecem os atos de amor relacionados com os sentidos exteriores, de modo que cada um se ordena a seu verdadeiro fim e todo o seu corpo torna-se um ato de adoração, inclusive através das ações que não podia realizar pelo estado grave de sua doença: «Eu quero que cada letra das orações que reze ou ouça rezar, cada palavra que pronuncie ou ouça pronunciar, que leia ou ouça ler, que escreva ou veja escrever, que cante ou ouça cantar, sejam atos de amor para os vossos sacrários».

Logo vêm os pequenos gestos de carinho que exaltam sua pureza, ternura e simplicidade. Se não podia rezar, falar, cantar, olhar, ou estava cansada a ponto de não poder ouvir ou atender as pessoas, oferecia então o que tinha em mãos, o que quer que fosse, mas seu coração não cessava de oferecer ao Jesus escondido e prisioneiro dos sacrários um pequeno ato de amor: «Eu quero que cada beijinho que Vos der nas vossas santas imagens ou da vossa e minha querida Mãezinha, nos vossos santos ou santas, sejam atos de amor para os vossos sacrários». Ademais, aqui se nota como Alexandrina une sua oração à de Nossa Senhora e dos santos, sendo muito consciente de que, em tudo o que lhes ofertava, era Jesus mesmo a quem amava neles e por meio de sua bondosa ajuda e mediação.

Continuando, eleva sua oração a Deus pedindo auxílio às criaturas²¹, que refletem a beleza de seu Criador e não cessam de cantar-Lhe glória²². Num ato de profunda humildade e contemplação, faz sua a voz das criaturas, pede-lhes ajuda para dar a Jesus a adoração e o amor que ela gostaria de oferecer-Lhe pessoalmente diante de Jesus Sacramentado.

Ó Jesus, eu quero que cada gotinha de chuva que cai do céu para a terra, toda a água que o mundo encerra, oferecida às gotas, todas as areias do mar e tudo o que o mar contém, sejam atos de amor para os vossos sacrários. Eu Vos ofereço as folhas das árvores, todos os frutos que elas possam ter, as florzinhas oferecidas pétala por pétala, todos os grãosinhos de sementes e cereais que possa haver no mundo, e tudo o que contém os jardins, campos, prados e montes, ofereço tudo como atos de amor para os vossos sacrários. Ó Jesus, eu Vos ofereço as penas das avezinhas, o gorjeio das mesmas, os pelos e as vozes de todos os animais, como atos de amor para os vossos sacrários. Ó Jesus, eu Vos ofereço o dia e a noite, o calor e o frio, o vento, a neve, a lua, o luar, o sol, a escuridão, as estrelas do firmamento, o meu dormir, o meu sonhar, como atos de amor para os vossos sacrários.

²¹ Como vimos, o amor à natureza e o tempo que dedicava a contemplar os mistérios de Deus na criação é um dos traços mais expressivos da vida e espiritualidade da beata.

²² Cf. CIC 2416.

Finalmente, como se já não soubesse que mais coisas oferecer ao Senhor, oferece-Lhe então o que não pode imaginar nem medir, e atualiza tudo quanto lhe sucede do princípio ao fim de sua vida como gesto de adoração e união com Jesus; toma como seu tudo o que há no universo, ou o que não possui como próprio, senão que lhe pertence como dom, para elevá-lo ao único que vale a pena e ordená-lo a seu verdadeiro fim. E termina:

Ó Jesus, eu Vos ofereço tudo o que o mundo encerra, todas as grandezas, riquezas e tesouros do mundo, tudo quanto se passar em mim, tudo quanto tenho costume de oferecer-Vos, tudo quanto se possa imaginar, como atos de amor para os vossos sacrários. Ó Jesus, aceitai o céu, a terra, o mar, tudo, tudo quanto neles se encerra, como se esse tudo fosse meu e de tudo pudesse dispor e oferecer-Vos como atos de amor para os vossos sacrários!

A ideia de que toda a criação louva o Senhor era tão evidente para a beata que, num dos êxtases da Paixão, na agonia do Horto das oliveiras, não podia sentir sequer uma leve brisa ou o movimento das folhas, que somente se inclinavam silenciosamente em atitude de reverência ao mistério que tinham diante de si. Até as mais simples criaturas comoviam-se ante a loucura do amor de Jesus por cada homem naquela suprema noite²³.

O hino aos sacrários expressa um oferecimento do que acontece em seu exterior e interior, dos acidentes de sua vida, do que faz, o que a afeta ou recebe, os gestos mais simples de amor, os acontecimentos naturais, as ações de todos os seres. Cada oferta culmina na expressão *como um ato de amor para os vossos sacrários*. Desse modo, o amor move-a a oferecer tudo, de si mesma e do que está a seu redor, para que Jesus receba todo o amor de que é digno. Ele merece tudo porque Ele é tudo, e o amor há de ser pago com amor.

Esse cântico expressa os pontos principais da devoção da beata: seu amor à Eucaristia, a devoção à Nossa Senhora e aos santos, a contemplação da natureza e o reconhecimento de que esta também reza através dos homens, bem como a generosidade quase ilimitada no desejo de oferecer tudo, inclusive o que não é capaz de imaginar por si mesma. Isso demonstra que Alexandrina abraça totalmente sua vocação, para que não somente seus oferecimentos, mas toda a sua existência seja um perene ato de amor aos sacrários. Sua vida foi um constante sofrer por Jesus, uma contínua contemplação de suas obras, um conjunto de gestos doados com

²³ Cf. S (27.III.1942), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 213.

generosidade, simplicidade e alegria, uma oração verdadeira e beneficente, fruto de sua experiência íntima com o Senhor, uma eucaristia viva oferecida no altar de Balasar como um autêntico ato de amor aos sacrários.

Os incontáveis oferecimentos de toda uma vida alcançam seu objetivo. Ela, que não descansa em oferecer tudo ao Senhor e nunca Lhe nega nada²⁴ para fazer-Lhe companhia nos tabernáculos e consolá-Lo, ali onde habita silencioso e escondido, recebe d'Ele mesmo a recompensa de muitos consolos, às vezes na forma de um contrato²⁵. Este gozo consiste especialmente em poder sofrer por Jesus, ou em saber que está cumprindo a vontade de Deus²⁶ ou que Jesus é consolado em seu martírio²⁷.

Jesus não Lhe negava os sofrimentos que tanto Lhe pedia em heroica e constante generosidade. Aproveitando-se de que o Esposo não costumava negar-Lhe nada, pedia-Lhe então que tampouco Lhe negasse as almas pelas quais sofria²⁸. Se Alexandrina queria estar a todo momento unida a Jesus Sacramentado, era porque estava sempre movida pelo desejo de consolá-Lo, de fazer-Lhe companhia pelos que não Lha fazem e de reparar pelos que O ferem com uma multidão de pecados. Ali no sacrário Alexandrina obtinha a realização do duplo sentido de sua vida, quer dizer, tanto a consolação de Jesus como a salvação das almas. Ali era lâmpada que brilhava e se rendia diante da presença majestosa do Rei Sacramentado, e, ao mesmo tempo, era luz e farol para a humanidade que deve sentir-se atraída para a Eucaristia²⁹. Tal era o profundo desejo que tinha de estar

²⁴ Cf. S (20.IX.1947).

²⁵ «Nosso Senhor disse-me para eu fazer um contrato com Ele: eu ir consolá-Lo e amá-Lo em todos os sacrários, que Ele me consolaria a mim em todas as minhas aflições e necessidades» (C (1.XI.1934), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 49).

²⁶ Cf. C (7.XI.1935), em PINHO, Mariano, *Uma vítima da Eucaristia. Alexandrina Maria da Costa: a doentinha de Balasar*, Balasar: Pároco de Balasar 1975⁵, 68.

²⁷ Muitas vezes Jesus confirma a Alexandrina que recebe consolação com todos os seus atos, ou convida-a para outras oportunidades de consolá-Lo, sobretudo acompanhando-O nos sacrários. Ver, por exemplo, S (6.V.1944), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 262; C (4.VII.1935; 22.VIII.1935); ou S (16.I.1945), em ID., *Solo per amore*, 135. Citamos apenas esta passagem em que Ele Lhe diz: «Minha filha, desce o amor à dor, a luz à noite, à escuridão, às densas trevas. Dor, noite, escuridão e densas trevas permitidas por Mim. É o remédio, é a medicina das almas. Aqui posso descansar, aqui não pode o mundo ferir o meu divino coração, aqui recebo tudo, tudo o que pode dar uma criatura ao seu Deus; aqui consolo-Me, delicio-Me» (S (23.II.1945)).

²⁸ Cf. S (28.I.1945; 24.X.1947).

²⁹ Cf. C (28.XI.1935), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 69.

continuamente em sua presença que podia exclamar: «Quer de dia, quer de noite, eram os sacrários os meus lugares prediletos»³⁰. E este, que era o impulso e o sentido de sua vida e missão, ela o viveu realmente, sem reservas nem descanso.

1.2 Viver da Eucaristia e ser eucaristia

Meu bom Jesus, Vós preso e eu também. Estamos presos os dois; Vós preso para meu bem e eu presa das vossas mãos. Sois Rei e Senhor de tudo e eu um verme da terra. Deixei-Vos ao abandono só pensando neste mundo que é das almas a perdição. Agora arrependida de todo o meu coração quero o que Vós quiserdes e sofrer com resignação. Não me falteis, bom Jesus, com a vossa proteção.³¹

Vimos que na vida de oração de Alexandrina compendiam-se várias dimensões da oração e da vida cristã, como o seguimento e a imitação de Jesus Cristo, o desejo de amar, adorar e glorificá-Lo, de conformar-se em tudo com sua vontade em perfeita obediência e resignação, através de um profundo desprendimento e uma sincera entrega. Há ainda outras mais enraizadas em sua espiritualidade, a saber, o desejo de união íntima com o Senhor e a intercessão por todos os homens, oferecendo-se para ser imolada por amor de Jesus e das almas, pelas mãos de Maria, a Mãezinha.³²

Destaca-se em sua vida um grande amor pela Eucaristia, o sacramento por excelência, «fonte e ápice de toda a vida cristã»³³, em que se dá o grande mistério de sacrifício de imolação e reparação pelos pecadores. Toda a vida de Alexandrina foi uma associação íntima, e tornada vida, ao mistério de Jesus Eucaristia. Imolada naquele quartinho, expiava não por seus próprios méritos, mas por participação nos insondáveis mistérios divinos para a salvação de toda a humanidade, aos quais Ele mesmo quis uni-la. Em seu calvário, a vítima de Balasar era oferecida pelas mãos do próprio Senhor para atrair «centenas, milhares e milhares de almas»³⁴ ao seio do Pai.

³⁰ A 50.

³¹ A 42.

³² Pode-se perceber estes traços em várias orações que rezava cada dia, por exemplo, A 44; 46; 66.

³³ LG 11.

³⁴ S (12.X.1945).

A Eucaristia fora sempre o centro de sua oração, de sua união com Deus e seu grande amor, que, desde tenra idade, lhe permitia repetir com o Senhor que seu único alimento era fazer a vontade de Deus pela salvação das almas. Tal conformidade compreende um mistério que vai desde uma *kenosis*, aperfeiçoada por Jesus, ano após ano, que purificava sua vontade e a tornava cada vez mais instrumento seu, até o dia em que Ele mesmo decide viver nela de modo contínuo e exclusivo.

A 27 de março de 1942, esta configuração com Cristo-Vítima assume um novo aspecto. A serva de Deus experimentou pela última vez o êxtase da Paixão de forma exterior e passou a sofrer uma nova crucificação, a «mais dolorosa que se possa imaginar na história»³⁵. A partir daí, durante os últimos treze anos de sua vida terrena, alimentou-se somente da Eucaristia, não podendo ingerir qualquer alimento, nem mesmo água, porém sem perder peso, tensão, lucidez ou vigor. Alexandrina vive da Eucaristia, enquanto seu único alimento, e pela Eucaristia, enquanto sua causa e fim, uma vez que tudo o que lhe acontecia era com Jesus, por Jesus e pelas almas, em união a todos os sacrários da terra.

Não te alimentarás jamais na terra. O teu alimento é a minha Carne; o teu sangue é o meu divino Sangue; a tua vida é a minha Vida, de Mim a recebes, quando te bafejo e acalento, quando uno ao teu o meu Coração. Não quero que uses medicina, a não ser aquela a que não possas atribuir alimentação. Esta ordem é para o teu médico. É grande o milagre da tua vida.³⁶

A Eucaristia é sacramento da presença real do Senhor, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade, tal como está no Céu. O culto que a Igreja lhe dedica estende-se desde a celebração litúrgica da Santa Missa até a adoração nos inumeráveis tabernáculos e custódias dispersos pelo mundo, onde Jesus quis estar presente e nos espera³⁷. Este mistério de presença real pode ser contemplado de modo especial na beata Alexandrina. O

³⁵ S (3.IV.1942).

³⁶ S (7.XII.1946), em PASQUALE, H., *Beata Alexandrina*, 178.

³⁷ O Papa Bento XVI recorda que a celebração litúrgica está intrinsecamente unida à adoração. «De fato, na Eucaristia, o Filho de Deus vem ao nosso encontro e deseja unir-Se conosco; a adoração eucarística não é senão o prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior ato de adoração da Igreja. Receber a Eucaristia significa adorar Aquele que recebemos. Precisamente assim, e só assim, é que nos tornamos uma só coisa com Ele e, de algum modo, saboreamos antecipadamente a beleza da liturgia celeste. O ato de adoração fora da Santa Missa prolonga e intensifica aquilo que se fez na própria celebração litúrgica» (BENTO XVI, exortação apostólica *Sacramentum caritatis* (em diante, SaC) (22.II.2007), 66).

Senhor promete estar sempre com ela e nunca a deixar só, sobretudo nos momentos difíceis, e assegura-lhe também a presença constante de Nossa Senhora, dos santos anjos e de todos os personagens do Céu. Além disso, quer estar todo o tempo em sua amada florzinha, de modo que nunca a abandona, vive sempre nela³⁸.

O mistério a que nos referimos é inovador e pode provocar certa perplexidade. No entanto Jesus afirma que permanece constantemente em Alexandrina, e eis que ela experimentou de modo ainda mais sublime esta união que é um antegozo do Céu, o qual consiste numa Comunhão sem fim. O Senhor diz-lhe: «Em ti habita sempre a Santíssima Trindade. Crê na minha presença sacramental em ti porque nunca, nunca te abandono. Tu não Me vês, mas estou sempre, sempre em ti, como nos meus sacrários»³⁹. Isso significa explicitamente que o Senhor está presente nela sacramentalmente e de modo constante tal como nos sacrários, com toda a sua Humanidade e Divindade.

Andava de sacrário em sacrário; unia-se espiritualmente aos sacrários de todo o mundo e estava sempre em diálogo íntimo com Jesus Sacramentado, mesmo quando recebia visitas que a distraíam⁴⁰. Tinha sede da Eucaristia e sofria quando não podia comungar, disposta até, se possível, a pagar para que lha trouxessem⁴¹; queria amá-Lo com amor total, indiviso e exclusivo, ser imolada e oferecida em cada altar com Jesus Cristo ao Pai. Amá-Lo e dar-Lhe almas era sua única ocupação. Todo o seu ser – seu coração, sua língua, seus olhos, seu corpo, seu espírito⁴² – convertia-se assim num único ato de amor e oração, uma adoração e um louvor vivo a Jesus Sacramentado, a quem tanto amava e por quem não cessava de entregar-se.

³⁸ Cf. C (2.V.1935), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 58.

³⁹ C (22.VIII.1935). Santo Antônio Maria Claret foi um dos santos a quem o Senhor concedeu esta singular graça de permanecer em seu peito de uma comunhão para outra de forma real e ininterrupta, isto é, sem a degradação das partículas da Santíssima Eucaristia, tal como está nos sacrários.

⁴⁰ Cf. C (27.XII.1934), em PASQUALE, H., *Beata Alexandrina*, 77.

⁴¹ Cf. C (27.IX.1934).

⁴² Cf. COSTA, A., *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa*, III: *Diário autógrafa*, Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar y Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019, 33.

Ela vivia de um amor louco pela Eucaristia: sempre *louquinha de Jesus, louquinha das almas, louquinha eucarística*⁴³. Vive do Sangue de Jesus, que encontrava nela uma abertura para depositar os frutos de sua redenção, uma recepção de seus dons e um instrumento para fazer-Se vida nas demais almas⁴⁴. Sendo sentinela dos sacrários, podia ser estrela e luz para o mundo⁴⁵, porque estava cheia não de sua própria luz, mas da luz divina que resplandecia em seu ser e lhe dava sempre brilho e força. Essa graça era fruto da paixão, adoração e companhia que rendia ao *Prisioneiro e Mendigo do amor*⁴⁶ residente em cada sacrário, donde «vem a força para tudo»⁴⁷.

Essa força recebida da Santíssima Eucaristia é confirmada pelo fato de que Jesus lhe havia prometido que, ao menos todas as sextas-feiras, ela receberia a Comunhão das mãos do pároco, de um anjo ou do próprio Senhor. Algumas vezes a recebeu como sagrado Viático, como na sexta-feira santa de 1947. Nessa ocasião, depois de suportar um grande sofrimento no êxtase da Paixão, o Senhor enviou-lhe seu anjo da guarda, acompanhado pelos arcanjos são Miguel e são Gabriel e uma multidão de anjos, para dar-lhe a Comunhão. Jesus logo lhe assegura que, se não fosse pela força do Santíssimo Sacramento, ela não poderia sobreviver⁴⁸. Este acontecimento sublinha que a Eucaristia é realmente alimento que restabelece nossas energias. Receber Jesus Sacramentado é receber força tanto como vitalidade e consolação quanto esperança de salvação diante dos maiores sofrimentos que alguém possa enfrentar.

Apesar de viver na maior consolação, este grande milagre de alimentar-se só da Eucaristia, que prova a autenticidade do mistério operado em sua vida, também lhe trazia dificuldades e sofrimentos; por exemplo, exclamava quanto lhe custava ficar sem comer e como tinha saudade da comida⁴⁹, mas oferecia tudo, e a renovação da sua oferta renovava-lhe as forças. Em 1954, no dia do 12º aniversário em que deixou de ingerir qualquer alimento terreno, conta que tinha uma fome infinita, mas não

⁴³ Cf. S (3.VIII.1945).

⁴⁴ S (7.XII.1946), em PASQUALE, H., *Beata Alexandrina*, 178.

⁴⁵ Cf. S (20.IX.1947).

⁴⁶ Nomes que Jesus dava a Si mesmo nos colóquios com Alexandrina.

⁴⁷ C (20.XII.1934), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 53.

⁴⁸ Cf. S (4.IV.1947).

⁴⁹ Cf. C (22.VIII.1942; 7.XI.1942), em ID., *Solo per amore*, 78.

de alimento comum, senão da humanidade; quanto mais a aproximava do seu coração, tanto mais ansiava possuí-la, porém sofria porque nem todos queriam entrar ali⁵⁰. Identificada com Cristo, percebe-se que o Coração de Jesus não cessa de derramar sua graça e seu amor, com os quais deseja preencher a alma que O ama e se deixa amar por Ele. Espera por todos, por isso sofre amarga e infinitamente pela rejeição daqueles que negam seu maravilhoso dom.

A vida nos sacrários contemplada na beata Alexandrina consiste especialmente em três gestos: **acompanhar, consolar e pedir**. Estão unidos aos fundamentos da oração cristã e, por conseguinte, os da Santa Missa: *acompanhar* como ato de amor, união e adoração; *consolar* como obra de reparação e expiação; e *pedir* em atitude de intercessão por todas as almas. Com essas atitudes, Alexandrina ansiava saciar a fome e a sede de Jesus no Santíssimo Sacramento, sua «sede das almas»⁵¹, de ser amado e de dar-Se a corações incendiados de amor.

Habitar nos sacrários e viver da Eucaristia aponta também a outra realidade. Jesus na Eucaristia é continuamente Vítima expiatória que se oferece e pede perdão ao Pai pelas ofensas dos homens. Unida a seu sacrifício, nossa expiação ganha valor e pode ter efeitos salvíficos. Por isso acrescenta que «são as vítimas dos sacrários que hão de sustentar o braço da justiça divina para não arrasar o mundo, para não virem maiores castigos»⁵². E não olha para a baixeza de sua filha, que sempre se vê indigna dessa tarefa, mas revela aí seu poder e sua grandeza.

Que tens tu com isso? Escolhi-te assim. É debaixo da tua grande miséria e de teus crimes que Eu escondo a minha grandeza, a minha onipotência e os raios da minha glória. Anda para os sacrários, repara no meu silêncio, na minha humildade, no meu abatimento. Faz que Eu seja amado por todos, no meu Sacramento de amor, o maior dos meus sacramentos, o maior milagre da minha sabedoria.⁵³

Destarte, «toda a vida de Alexandrina decorre à luz dos sacrários eucarísticos»⁵⁴, como dizia seu segundo diretor, o padre Umberto. Ali

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, S (2.IV.1954), 91.

⁵¹ COSTA, A., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 122.

⁵² C (3.IX.1935).

⁵³ C (1.XI.1934), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 49.

⁵⁴ PASQUALE, Umberto, *Fátima e Balasar: duas terras irmãs*, Porto: Cavaleiro da Imaculada 1989³, 10.

vive como numa escola⁵⁵ onde há um Mestre e uma discípula que vai aprendendo as lições, até converter-se ela mesma numa grande mestra: «mestra das ciências divinas»⁵⁶, como o Senhor a denomina.

A Eucaristia é escola dos sublimes mistérios divinos, é sacramento de amor. Nela se aprendem as virtudes de Jesus: «o silêncio, a humildade, a obediência e o abandono». Jesus pede companhia ali onde está «sozinho, tão ofendido, tão desprezado e tão pouco visitado»⁵⁷. Desse modo, a aluna aprende na escola dos sacrários a via da reparação e do desagravo, a ser vítima expiatória com Jesus e por cada homem.

Por fim, poderíamos perguntar-nos: qual é o propósito do Senhor ao operar este grande milagre na vida de sua florzinha eucarística? A resposta é dada por Ele mesmo em abril de 1954: «Faço-te viver só de Mim para mostrar ao mundo o valor da Eucaristia e o que é a minha vida nas almas. És luz e salvação para a humanidade. Bem-aventurados os que se deixam iluminar!»⁵⁸. Ao não tomar nenhum outro alimento, Alexandrina ia transformando-se em verdadeiro sacrário, onde o Senhor quis permanecer de modo singular: «O teu corpo é o sacrário que contém o vaso sagrado da minha Eucaristia. O teu coração é esse vaso, a Eucaristia sou Eu. Dei-Me em alimento às almas, criei-te para alimento das mesmas almas»⁵⁹.

Nos últimos anos de sua vida, Alexandrina recebeu muitas visitas, e muitos saíam dali cheios de coragem e desejo de uma sincera conversão. A força e a alegria de Alexandrina causavam não apenas espanto ou estranheza, como também contagiavam as pessoas, transmitiam-lhes o amor que recebia e se transformava em dom para o outro. Era incansável no atendimento a todos os que a procuravam, quer para conselhos, quer para ajuda material ou espiritual. Embora permanecesse seu desejo de manter-

⁵⁵ Cf. PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 44ss.

⁵⁶ S (15.XII.1944).

⁵⁷ C (15.X.1934), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 49.

⁵⁸ S (9.IV.1954), em Id., *Solo per amore*, 94.

⁵⁹ S (4.V.1945), em ROCHA, Afonso, *Flor Eucarística: Alexandrina Maria da Costa*, Reims: 2016, 203. Essas palavras remetem-nos para o mistério da Comunhão eucarística. Quando recebemos o Senhor, nosso corpo converte-se nesse sacrário, e nosso coração, nesse vaso que contém a Santíssima Eucaristia. Antes de comungar, somos como um sacrário aberto; depois de receber Jesus no Santíssimo Sacramento, somos um sacrário vivo, chamados a glorificar Deus com todo o nosso ser, que se torna um tabernáculo da sua inabitação, uma reserva eucarística (cf. SINDE, Pedro, *Fulgores do Sacrário: O pequeno caminho da Presença de Deus e lições da Beata Alexandrina*, Fátima: Cidade do Imaculado Coração de Maria 2021, 95).

-se escondida e esquecida, de sofrer tudo sem que ninguém o soubesse, oferecia essas visitas por amor a Deus e aos demais.

Foi uma verdadeira alma apostólica, porque «a consolação de Jesus e a salvação das almas era o que mais [lhe] preocupava»⁶⁰, e para isso era necessário um contínuo ato de resignação, de esquecimento de si e de abertura para acolher e ajudar. Assim o Pão dos Anjos encontrava uma natureza inteiramente disponível onde fazer morada e atuar sem qualquer resistência, onde podia dar frutos e fazer-Se vida. Alexandrina, por assim dizer, transformava-se, por graça e porque insistentemente o pedia ao Senhor⁶¹, em eucaristia viva para quem se aproximasse dela. Oferecia o que tinha: era capaz de dá-la porque a possuía⁶², e dava-a em forma de vida, alegria e paz.

2. A vida eucarística de Alexandrina enquanto vítima

A Eucaristia, a Eucaristia com minhas vítimas:
eis aqui a salvação do mundo!⁶³

A Eucaristia é a maior experiência mística da vida do cristão. Maior e mais profunda união do que esta, isto é, a do Corpo de Nosso Senhor dentro do homem, só terá lugar no Céu. A Eucaristia, à qual Jesus Cristo une a missão de suas vítimas, é remédio para a salvação do mundo. Falar, portanto, de uma vida eucarística como vítima significa compreender a unidade inseparável entre Eucaristia e Cruz, entre dom e sacrifício, entre luz e dor como caminho para uma vida em abundância.

Nos primeiros anos de sua doença, Alexandrina fez algumas promessas para ser curada, como cortar seus cabelos, vestir-se de luto, tornar-se religiosa e missionária; também quis ir a Fátima para pedir o milagre a Nossa Senhora, com o objetivo de salvar almas para Jesus. No entanto, como conta em sua autobiografia, «como não consegui nada, morreram os meus desejos de ser curada, e para sempre, sentindo cada vez mais ânsias do amor ao sofrimento e de só pensar em Jesus»⁶⁴.

⁶⁰ A 40.

⁶¹ Cf. S (20.III.1942), em PASQUALE, H., *Beata Alexandrina*, 177.

⁶² Diz-lhe o Senhor em outro êxtase: «Vou dar-te agora a vida de que vives; uma gota do meu divino Sangue com a minha Eucaristia. É o teu alimento; é o conforto que te dá Jesus; é a vida para ti e para dares às almas» (S (7.II.1947)).

⁶³ Palavras de Jesus a Alexandrina, S (29.X.1954), em *Id.*, *Solo per amore*, 158.

⁶⁴ A 42.

Sem saber como, Alexandrina então se oferece voluntariamente como vítima⁶⁵. Essa vocação vai-se descobrindo e amadurecendo ao longo dos anos e ganha intensidade quando, em 1934, recebe do Senhor pela primeira vez o convite para deixar-se crucificar. Até então, o *ser crucificada* entendia-se como a experiência de grandes sofrimentos físicos e morais, presentes em sua vida já há muito tempo, especialmente por causa da mielite. Mas a expressão ganha novo sentido quando Alexandrina começa a experimentar os êxtases da Paixão desde 1938, e ela não cessou de sofrer tudo por amor e pela salvação das almas, inclusive pediu várias vezes ao Senhor que lhe aumentasse os sofrimentos a fim de aliviar seu Coração Santíssimo.

Frequentemente o Senhor diz que Alexandrina é um poderoso auxílio para as almas dos pecadores, e isso nos revela o tamanho zelo que lhes tinha essa serva de Deus. Se se oferece como vítima e é capaz de proclamar viva e sinceramente seu amor ao sofrimento, o motivo é o amor do Senhor, o desejo profundo e constante de consolá-Lo e de reparar as ofensas dirigidas contra Ele: «Não posso deixar de sofrer tudo e oferecer todos os sacrifícios para a salvação deles e para desagravar o meu Jesus»⁶⁶.

Agora, o mistério da alma vítima compreende-se a partir de Cristo-Vítima. A Cruz é sacrifício, entrega total. De igual modo, a Santa Missa possui um caráter *propiciatório* pelo qual se obtém a satisfação dos pecados. É o que escreve o padre Umberto sobre o mistério da alma vítima, cujos sofrimentos «tornam-se propiciação e salvação nas mãos do Redentor»⁶⁷. Sobre este aspecto queremos refletir agora procurando entender o modo como a beata Alexandrina se associa ao mistério de Cristo-Vítima.

2.1 Alma sacerdotal: vítima que oferece, que se oferece e é oferecida

Quero que Me digas muitas vezes que és toda minha. Se soubesses como Me consolas! E como acodes aos pecadores só em Me dizeres que és minha vítima!⁶⁸

⁶⁵ Cf. A 39.

⁶⁶ PINHO, M., *Uma vítima da Eucaristia*, 65.

⁶⁷ COSTA, A., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 116 (nota 12).

⁶⁸ Palavras de Jesus a Alexandrina, C (10.I.1935), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 54.

Na disposição sincera e generosa de dar tudo, mesmo quando não há mais nada a oferecer, dá-se então a si mesmo, e com isso prova o maior amor. Oferecer, oferecer-se, até mesmo dar a vida se necessário, é próprio de quem ama. Só quem ama dispõe-se a dar tudo pelo bem de outro, é capaz de sacrificar-se. Por isso a fonte e o sentido de toda expiação é o amor, e sem amor tampouco há sacrifício com valor salvífico: se não é voluntário, não pode consolar⁶⁹. Deus é amor, por isso é capaz de dar a vida por suas ovelhas que tanto ama (cf. Jo 10, 14ss).

Jesus faz de Alexandrina uma vítima porque antes ela mesma se oferece como tal⁷⁰. Se é vítima, é-o por graça de Deus, que encontra na alma de sua serva uma verdadeira abertura para que Ele mesmo cumpra seus desígnios e realize uma missão que atrai benefícios para toda a humanidade. A divina vontade havia descoberto um lugar para assentar-se na generosa disposição de sua serva; então Deus leva a sério sua oferta e leva o ser de sua vítima ao cume da imolação. Ao mesmo tempo que Ele satisfaz o íntimo desejo de Alexandrina, esta não cessa de atender aos desejos mais profundos do Coração do divino Redentor, e vai-se consumindo dia após dia até chegar ao *consummatum est*⁷¹.

Tomando ao pé da letra seu oferecimento voluntário e generoso de consumir-se toda no amor de Deus e de ser vítima, o Senhor associa-a à sua santa Paixão. Fê-lo primeiramente durante os anos de 1938 a 1942 com motivo, como vimos, da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. O fenômeno que se repetia todas as sextas-feiras foi presenciado por várias pessoas. Depois, até o ano de sua morte, seguiu sendo vítima, configurada de modo mais íntimo a Jesus Cristo.

Contudo, ao mesmo tempo que é vítima oferecida para a salvação das almas, Alexandrina é, em condição de criatura e pecadora, culpada pela morte do divino Salvador. Isso justifica seus desejos de pedir perdão por seus próprios pecados e assumir o peso dos pecados de toda a humanidade⁷². Por isso, vivendo no mundo como leiga, Alexandrina é verdadeira alma consagrada, totalmente entregue ao Senhor, com uma vida inocente

⁶⁹ Pelo que se entende que, na subida ao Calvário, a ajuda do Cirineu não podia consolar, embora o Coração de Jesus lhe tenha dispensado todo seu amor, cf. S (7.II.1947; 23.IV.1948), em ID., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 94.

⁷⁰ Inúmeras vezes ela se oferece ao Senhor como vítima. Leia-se, por exemplo, C (4.XI.1935).

⁷¹ Cf. PASQUALE, H., *Alexandrina: alma da vítima e apóstolo*, 209-211.

⁷² Cf. COSTA, A., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 120.

e simples que ganha um significado extraordinário: possui uma alma sacerdotal, que se oferece como vítima a ser imolada no altar⁷³.

A alma vítima, e portanto sacerdotal, é chamada a expiar em lugar de outros, a reparar, fazer penitência e oração⁷⁴. O maior sacrifício expiatório ocorre em cada Santa Missa, em que se renova o oferecimento de Jesus Cristo Sacerdote como Vítima de reparação pelas ofensas que recebe, e fá-lo entregando-Se totalmente no lugar do homem, para santificá-lo na verdade e torná-lo capaz de participar de sua vida e de seu amor, cuja plenitude se dará no Céu, antecipado na Comunhão de seu Corpo e Sangue. É o dom que expressa a consequência máxima de sua oferta por amor aos homens. Com Ele somos oferecidos para ser uma mesma oblação para a glória do Pai, e assim somos corredtores e co-vítimas com o único Redentor e a Vítima excelente na qualidade de membros da Igreja, seu Corpo místico, a fim de que os frutos da redenção alcancem toda a humanidade.

Jesus Se faz Pão na Eucaristia. O pão, fruto do trigo moído e cozido, e o vinho, fruto da videira esmagada e processada, são transubstanciados no Corpo e Sangue do Senhor oferecidos para dar a vida à humanidade. Alexandrina é, como a divina Hóstia, moída e esmagada para ser oferecida a Deus para o bem de todos os homens. Ela é triturada e consumida até o fim, moída como Cristo e com Ele, quando seu único alimento era o Santíssimo Sacramento que sustenta e unifica toda sua vida e missão.

A Carta aos Hebreus expressa que Jesus Cristo, *mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa a obediência, por aquilo que Ele sofreu* (Hb 5, 8). O caminho da obediência jamais nega a liberdade. Ao contrário, afirma o verdadeiro senhorio do homem, capaz de ordenar as coisas e a si mesmo na virtude. Jesus, segunda Pessoa divina, soberano Deus e Senhor, era tão livre em sua entrega, que sua liberdade significa uma correspondência total com a vontade do Pai. Nisto consiste, pois, a obediência: num conformar-se com a vontade d'Aquele que conhece todas as coisas e sabe o que melhor convém a cada um, e por isso conduz à autoafirmação de si mesmo naquilo que é. Assim, o homem livre aprende a aceitar tudo o que

⁷³ Cf. PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 35.

⁷⁴ Note-se, por exemplo, a responsabilidade pelas almas na tarefa que lhe foi confiada da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. A razão dos êxtases da Paixão sofridos por Alexandrina é, explicitamente, a realização do pedido insistente do Senhor por penitência e oração, e com isso ela aplacava a justiça divina (cf. PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 122).

Deus lhe envia como um modo de aperfeiçoar-se e alcançar a plenitude do amor e da felicidade. Por sua vez, a filha amada do Pai, Alexandrina, configurada ao mistério sacerdotal de Cristo, aprendeu nos sofrimentos de sua vida a maravilha da obediência⁷⁵, da aceitação de tudo por amor a Deus e por um bem quicá inestimável para si mesma. E *quando levou a termo sua vida*, com Cristo, *tornou-se causa de salvação* (Hb 5, 9), os padecimentos chegaram ao cume, à consumação, por isso eram capazes de dar frutos de glória, de alegria triunfante, de vida eterna, pois *se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto* (Jo 12, 24).

2.2 Identificada com Cristo: êxtases da Paixão

Alegro-me nos sofrimentos que tenho suportado por vós e completo o que na minha carne falta às tribulações de Cristo, em favor do seu Corpo que é a Igreja (Col 1, 24).

A chave para compreender a vida de Alexandrina é o mistério da configuração com Cristo. Neste mistério, ocupa um lugar especial a participação nos êxtases da Paixão do Senhor, experimentados durante quase quatro anos de modo exterior.

Com o amor e a aceitação total de Alexandrina de sofrer tudo por Jesus e pelas almas, o pedido de deixá-la crucificar passa finalmente daquele primeiro e reiterado convite do Senhor ao ato concreto. Jesus realiza em sua vítima tudo o que lhe havia pedido que Lhe desse, e Ele a fará viver sua Paixão e imitar seus passos redentores até as últimas consequências. O primeiro convite à crucifixão dá-se na quinta-feira, 6 de setembro de 1934, e assim lhe roga o Senhor:

Dá-Me as tuas mãos, que as quero crucificar; dá-Me os teus pés, que os quero cravar Comigo; dá-Me a tua cabeça, que a quero coroar de espinhos, como Me fizeram a Mim. Dá-Me o teu coração, que o quero trespassar com a lança, como Me trespassaram o meu; consagra-Me todo o teu corpo, oferece-te toda a Mim, que te quero possuir por completo e fazer o que Me aprouver.⁷⁶

⁷⁵ Mesmo em momentos de escuridão ou no profundo silêncio do Senhor, a única aspiração de Alexandrina é a vontade divina. Por exemplo, C (3.X.1935).

⁷⁶ A 51.

Nos êxtases da Paixão, Alexandrina algumas vezes se identifica com Jesus, outras com o mundo pelo qual se entrega⁷⁷. O mistério da alma vítima abarca, portanto, a identificação com Cristo e a associação à sua Paixão. É precisamente crucificando-a que Ele a desposa⁷⁸. E sempre se trata de redenção, quer dizer, de completar o que falta à Paixão de Jesus Cristo, de ter seus mesmos sentimentos e desejos (cf. Fil 2, 5-11).

Escreve o padre Umberto Pasquale:

O seu coração, precisamente porque sempre unido ao Coração de Cristo, até à mística identificação com Ele, dilatou-se desmedidamente e abraçava a todos, comovia-se com tudo, sentia em si tudo quanto era do próximo e dava sempre e dava-se completamente.⁷⁹

A identificação com Cristo pressupõe o esquecimento completo de si mesmo. Cristo Se faz um como os homens e entre os homens. Seu desejo de salvar-nos move-O a dar-Se sempre, a buscar não sua própria satisfação, senão cumprir a missão que o Pai Lhe designa. Ele Se entrega todo, inteiramente, por todos. Ninguém é esquecido na Cruz.

Semelhantemente, a vida de Alexandrina e seu amor ao próximo, sem distinção de raça, riqueza, estado, sexo, nação ou instrução, demonstra na prática o mandamento do amor e que sua vida, vivida no Gólgota, era verdadeiramente fruto da graça e de uma intimidade com Deus. Essa intimidade move ao anúncio, impulsiona à caridade, empurra a sair de si mesmo e a dar a vida, expressão máxima e significado real do que é o amor. Tudo isso é fruto dessa identificação com Jesus, que tantas vezes lhe afirmava que ela tinha a vida divina, não a sua própria vida.

Por conseguinte, o sentido da vida cristã é esta transformação em Cristo, é ser outro Cristo. A intimidade com Ele, a experiência mais profunda de seu amor e a participação efetiva em seu mistério – o que compreende o sentido próprio da mística – conduz à manifestação da realidade de Deus e de seus mistérios na própria carne. Cristo age na pessoa e através dela, que se Lhe dá livremente e se dispõe a aceitar o dom e fazê-lo frutificar como seja de seu divino agrado. Só essa identificação torna a alma capaz de dar-se sem medida e de abraçar tudo por amor a Jesus Cristo. Por ter-se esvaziado totalmente, é capaz de revestir-se de Cristo, encher-se d’Ele. Cristo é para o homem, dá-Se-lhe por inteiro em sua Encarnação, vida

⁷⁷ Cf. COSTA, A., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 114.

⁷⁸ Cf. PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 279.

⁷⁹ PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 58.

oculta e pública, Paixão, Morte, Ressurreição e na Eucaristia; e o homem, regenerado na graça de Cristo, é o mesmo Cristo:

Não te tenho dito Eu que em tudo te assemelhei a Mim? Que alegria para o meu divino Coração se os homens compreendessem bem isto! Tu toda Cristo, toda Jesus. Jesus em toda a vida de sua vítima.⁸⁰

Essa identificação manifesta-se mais uma vez quando diz: «Era dentro do meu coração que Ele amava a humanidade inteira. E eu não podia deixar de amar a cruz: via e sentia que só ela era a vida». Então Alexandrina renova seu oferecimento: «De braços abertos e olhos no Céu, oferecia-me ao Pai como vítima e à humanidade oferecia o coração e o amor»⁸¹. O mistério dessa entrega total também é comprovado nas palavras de Jesus, quando concede a Alexandrina todos os tesouros de seu Coração. Porque dá tudo ao Senhor, Ele põe tudo nas mãos de sua serva, e dá-Se-lhe a Si mesmo⁸².

Entretanto, em sua dolorosa Paixão, Jesus experimenta um profundo abandono, uma noite assombrosa e tremenda⁸³. Tal experiência manifesta as consequências do pecado, e o grito de Jesus na suprema agonia confirma-o (cf. Mt 27, 46). «Jesus palpitava de amor pelo mundo endurecido e culpado; e palpitava de dor, quando ao Pai pedia compaixão»⁸⁴. Esta é a morte que derrota: Ele vence aquele que destrói a união da alma com Deus. Jesus carrega o peso de todos os pecados do mundo, grita porque tem um verdadeiro horror ao pecado⁸⁵ e seu sofrimento revela dois aspectos: por um lado, o amor infinitamente misericordioso do Pai, por outro, a grandeza do pecado que tanto ofende a Deus. «A dor, o pavor esmagavam o coração, destruíam-no; o amor formava-o novamente. E assim repetidas vezes»⁸⁶. Esta será a vida de Alexandrina identificada com Cristo: imersa num mar onde tudo era dor e amor, vivia para salvar o mundo, carregava o peso de suas culpas e suplicava piedade pelas almas ao preço de seu amor ao extremo.

⁸⁰ S (10.I.1952).

⁸¹ S (10.I.1952; 27.III.1953), em *Id.*, *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 114.

⁸² Cf. PASQUALE, H., *Alejandrina: alma de vítima y de apóstol*, 105.

⁸³ Cf. S (26.X.1951), em *Id.*, *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 121ss.

⁸⁴ *Ibid.*, S (31.X.1947), 117.

⁸⁵ Cf. *Ibid.*, 14.

⁸⁶ *Ibid.*, S (7.VI.1946), 27.

A caminho do Calvário, tem a impressão de percorrer uma viagem muito longa e de muitos anos⁸⁷. A intensidade do sofrimento dava-lhe essa sensação, mas pode-se pensar que aquela via-sacra do Senhor continua até hoje, cujo sacrifício atualiza-se em cada Santa Missa: Cristo continua morrendo para dar vida aos homens.

Quando por alguns momentos eu me ponho a contemplá-Lo crucificado e O vejo tão maltratado, então redobro de pena e o meu coração enche-se de dor e tristeza, ao recordar-me que a cada momento Ele é horripilantemente crucificado... Sofro muito. Muitas vezes, o meu corpo com tantas dores e já tão enfraquecido parece não poder resistir mais, parece morrer; mas o meu espírito vive ainda, Deus seja louvado: vive com grande ansiedade de sofrer cada vez mais, para assim consolar e desagravar Aquele que tanto me ama e morreu por mim. E assim, sem um momento de consolação, eu vou vivendo, no meio de trevas e abandono, mas sempre nos braços de Jesus, a fazer-Lhe sentinela nos seus sacrários, em toda a parte onde Ele habita sacramentado. Digo-Lhe assim: Ó meu Jesus, se eu me distrair ou dormir e vierem sobre Vós os crimes do mundo, chamaí-me com grande aflição e fortes dores, para eu ir em vossa defesa, não deixar abeirar das vossas prisões de amor os pecados do mundo. Eu quero viver e morrer nos vossos santíssimos braços, mas sempre a consolar-Vos, a amar-Vos, a fazer-Vos companhia e a desagravar-Vos.⁸⁸

As palavras de Alexandrina têm um ponto de grande relevância: *a cada momento Ele é horripilantemente crucificado*. Isso nos permite contemplar não apenas o mistério do sacrifício de Cristo que se perpetua nos altares do mundo inteiro, mas também pensar na realidade tremenda do pecado. O paralelo acontece em seguida quando Alexandrina diz que seu espírito *vive com grande ansiedade de sofrer cada vez mais e não goza de nenhum momento de consolação*. Não é este sofrimento em si que configura a excelência dos efeitos da alma expiatória, mas sim a forma como o sofre. Ela contempla a dor do divino Salvador, deixa-se penetrar pelo amor até as últimas consequências, deixa-se crucificar sem receber consolos para acompanhar de modo mais vivo e semelhante ao que Nosso Senhor experimentou. Percebe também que nunca está sozinha e que Jesus a sustenta, então reage em correspondência à maneira pela qual o Senhor a havia designado para acompanhá-Lo e satisfazê-Lo pelas ofensas dos homens: ali, nos sacrários, expia. Em união com a Eucaristia-Vítima, a serve de Balasar faz-se vítima da Eucaristia que *é oferecida*, vítima com

⁸⁷ Cf. *Ibid.*, 101.

⁸⁸ C (7.I.1936)., em PINHO, M., *Uma vítima da Eucaristia*, 65.

Jesus Sacramentado que *se oferece* e vítima em favor da humanidade, que *oferece* tudo para o bem e em lugar das almas. E isso o faz em quatro atos que fundamentam o mistério da expiação, como lemos nas últimas palavras do relato anterior: **consolar, amar, acompanhar e desagravar**.

No Calvário, monte de morte e de vida⁸⁹, na generosidade de sua entrega, o Senhor caminha para a morte a fim de dar a vida aos homens. A Cruz é árvore de vida. Jesus não perde sua vida ali, mas dá-a por Si mesmo, e dá-a totalmente, sem reservar absolutamente nada para Si. Por sua vez, Alexandrina ia morrendo a cada dia em sua caminhada. Sua cruz, como a Cruz de Jesus, tinha ao mesmo tempo uma **dimensão vertical**, ou seja, seu martírio era uma oferta de amor a Deus em união com o sacrifício de Cristo, buscando somente agradar e ser-Lhe fiel em tudo; e uma **dimensão horizontal**, já que oferecia tudo para que a humanidade recebesse vida e todos os frutos da redenção. Sempre se vê em suas palavras este duplo desejo: *por Jesus e pelas almas*. Esta foi sua vida, até que esse desejo íntimo atingisse seu ápice. Foi sacrificada para dar vida às almas, como o próprio Jesus lho disse várias vezes; por isso sua cruz tinha sabor de vida, era doce amor.

Senti a Jesus no alto da cruz, na cruz que era eu. E em mim era Ele também. Era preciso uma escora, era necessário um conforto. Em vez dessa escora e conforto senti como que o Céu baixasse com todo o seu peso de justiça a esmagar-me fortemente no grande madeiro da cruz. A agonia aumentou e com ela o abandono. O Eterno Pai não queria dar conforto. Só exigia a reparação. Era o Juiz a pedir-me contas de todos os males da humanidade. “Meu Pai, meu Pai! Dei-Te tudo; já perdi todo o meu sangue!”.⁹⁰

É importante ter em conta que os sofrimentos de Alexandrina e todas as ameaças que recebe do castigo de Deus devem-se ao fato de que ela assume as penas que correspondem à humanidade. Jesus lhe afirma que é juiz e ela «o réu de toda a humanidade»⁹¹. Entretanto essas palavras revelam um grande apelo dirigido aos homens de toda a terra. De fato, após ouvir as duras palavras do Esposo, renova seu oferecimento como vítima, pede-Lhe que descarregue sobre ela todas as penas dos pecadores e, em troca de sua dor e seu sangue, implora-Lhe amor e almas⁹². Esta é a

⁸⁹ Cf. S (4.VII.1947), em ID., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 96.

⁹⁰ *Ibid.*, S (28.IX.1945), 120.

⁹¹ S (6.XII.1939), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 150.

⁹² Cf. PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 151-152.

realidade da Paixão do Senhor: todo o seu sofrimento, todo o seu Sangue foi para obter o resgate das almas.

Sua sede de almas continua a expressar-se em cada celebração eucarística nos altares do mundo inteiro. Sua sede não é outra senão a glorificação do Pai e a salvação das almas, e esse desejo do divino Coração torna-se o de Alexandrina⁹³. O fruto desse desejo é a entrega e a aceitação voluntária do desígnio de Deus, submetendo-se em tudo à sua santíssima vontade de dar a vida aos homens dando continuidade à mesma obra de Cristo. A reparação então alcança seu objetivo: as almas. E isso só tem sentido e sustento porque a motivação de sua vida era o amor.

Também em cada tabernáculo Jesus é Vítima de reparação. Ali repousa a Santíssima Hóstia que espera a companhia dos homens, companhia não somente física, mas também interior, traduzida numa vida que O busque sobre todas as coisas, afastada do pecado e de tudo quanto Lhe possa desagradar e renovar suas chagas. Aquela companhia que Jesus pedia à sua vítima de Balasar não era simplesmente uma presença intermitente diante dos sacrários. Permanecer vigilante ante os sacrários significa uma vida coerente e fiel, uma vida santa, uma busca de Deus. A vocação de Alexandrina ao sofrimento e à associação com Cristo de um modo muito especial foi possível porque o divino Redentor havia encontrado nela um amor disposto a dar tudo, a ser verdadeira hóstia para sacrificar-se num ato de amor e entrega total até deixar-se consumir. A vítima estava então unida e configurada com a Vítima expiatória, a hóstia com a Hóstia, o cordeirinho com o Cordeiro, a nova eucaristia das almas com Jesus que é verdadeira Eucaristia e vida das almas⁹⁴.

Tu és, à minha semelhança, a vida das almas, como Eu o sou na Eucaristia. Eu dou-Me a elas com o meu Corpo e Sangue. Tu dás-te por elas na dor, no martírio. Sofre, sofre, minha filha, a dor é amor. A dor é só isso. Repara, repara o Coração divino do teu Jesus, o Coração Imaculado da tua

⁹³ «Pareceu-me que o meu coração se transformou todo no de Jesus: todo ele era amor. Tinha uma sede devoradora dos sofrimentos, porque via que só estes, com a morte, podiam dar a vida e abrir o Céu. Dei-me, dei-me toda ao martírio» (S (9.II.1951), em *Id.*, *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 114).

⁹⁴ Estas palavras podem impressionar, mas são típicas de Nosso Senhor a Alexandrina, extraídas dos *Sentimentos da Alma* a 11 de maio de 1945: «Tu és a depositária, és o cofre das riquezas e dons divinos. És a mensageira da paz, de quanto a humanidade te é devedora. Coloquei-te no meio dela, és um centro de virtudes, és um centro de flores cândidas e puras. És a vida das almas, és a nova Eucaristia delas. Purifica-las dos seus defeitos, lava-las dos seus crimes, prepara-las para mim que sou a verdadeira Eucaristia».

Mãezinha. Repara, repara a justiça de meu Eterno Pai. Sê sempre a escora forte e inabalável. Eu estou triste, muito triste, minha filha. Tenho o meu divino Coração a sangrar.⁹⁵

Portanto, a vida de Alexandrina leva-nos a entender que a quem Deus muito ama, muito o faz sofrer, e quem ama muito sofre muito. Porém a essência do sacrifício não consiste necessariamente em algo que custe, mas é sobretudo ato de amor. Com efeito, o sofrimento custa, já que é alheio à nossa própria natureza; mas a heroicidade do sofrer é mais bem entendida quando o modo como se sofre alcança o amor pelo preço tendo em vista o resultado. É o amor que se sacrifica e se entrega: *Nisto está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como oferta de expiação pelos nossos pecados* (1Jo 4, 10). Isso nos revela que a associação ao mistério de Cristo-Vítima capacita-nos a amar com perfeição, uma vez que participamos em seu Espírito e amamo-nos uns aos outros com seu mesmo amor, o amor que dá a vida. Nesse sentido, os batizados somos sacerdotes com Cristo, associamo-nos ao mistério de sua Cruz e “concelebramos” com Ele o santo sacrifício santo do altar⁹⁶. Em cada Santa Missa atualiza-se o sacrifício de Cristo na Cruz, o mistério da redenção está todo contido nela⁹⁷. E neste sacrifício manifesta-se o maior amor de Deus por nós (cf. Hb 7, 20-8, 13).

2.3 Alma vítima: amar, sofrer, reparar

Muitas vezes me lembro de dizer assim: “Ó meu Jesus, que quereis que eu faça?” – e sempre que digo isto, não ouço senão estas palavras: “Sofrer, amar e reparar”.⁹⁸

Essas palavras formam uma espécie de síntese não apenas da vida da beata Alexandrina, mas também resumem e encerram o significado autêntico da **vida cristã enquanto mistério de identificação com Cristo**. Ela ouviu este convite pela primeira vez depois daquela bela oração aos sacrários, descrita na seção anterior. Quando a rezava, produzia-se nela

⁹⁵ S (5.VII.1952).

⁹⁶ Cf. Pío XI, carta encíclica *Miserentissimus Redemptor* (em diante, MR) (8.V.1928), 7-8; CONCÍLIO VATICANO II, constituição *Sacrosanctum Concilium* (4.XII.1963), 48; LG 10; CIC 1546-1547.

⁹⁷ Cf. CIC 1405. Cf. SaC 9.

⁹⁸ C (28.XI.1933), em PINHO, M., *Uma vítima da Eucaristia*, 53.

um calor abrasador e uma força que a elevava e que não podia compreender ou explicar.⁹⁹

A entrega total a Jesus pressupõe o esquecimento de si mesmo e o total desapego das coisas terrenas. O Senhor manifesta muitas vezes à sua serva que quer ser seu único amor e chama-a a desprender-se do mundo para estar unida somente a Ele. Ainda que viva no mundo, Alexandrina não vive para o mundo e não lhe pertence. Novamente então Jesus tem a iniciativa e chama sua serva a sofrer, amar e reparar, e ela o acolhe generosamente.

Alexandrina regularmente pedia a Deus a graça de amar o sofrimento. Um episódio que evidencia o heroísmo ao qual chegou este desejo de sofrer para agradar a Deus dá-se a 14 de outubro de 1934, quando, usando um alfinete que segurava algumas medalhas, ela o espetou no peito até que sangrasse. Em seguida narra:

Tomei a caneta e um santinho e com o meu sangue escrevi assim: “Com o meu sangue Vos juro amar-Vos muito, meu Jesus, e seja tal o meu amor que morra abraçada à cruz!... Amo-Vos e morro por Vós, meu querido Jesus, e nos vossos sacrários quero habitar, ó meu Jesus.”¹⁰⁰

Como o fizera sem o consentimento de seu diretor, foi corrigida e pôde entender que o amor ao sofrimento consiste antes em sua aceitação que em buscá-lo por si mesmo. Apesar disso, algumas dimensões são perceptíveis nesse gesto tão nobre: primeiro, o sacrifício de ferir-se para demonstrar tamanho amor a Jesus; segundo, o amor à cruz, que a dispõe a querer morrer para dar a vida por amor; e terceiro, o desejo de habitar nos tabernáculos, onde poderia encerrar-se no mais sublime mistério d’Aquele que foi seu único e grande amor.

O amor à expiação, agora entendida como abraçar a cruz que Deus envia, não tanto pela cruz em si mesma, senão pelo amor que podia demonstrar a Deus ao aceitá-la com alegria e resignação, manifesta-se em cada etapa de sua vida. E sublinha o que talvez seja a virtude que mais a caracteriza: a conformidade com a vontade de Deus. Alexandrina não só amava o sofrimento, mas via-o como sua vocação, o que dava sentido à sua vida. Encontrava consolo nos momentos de maior sofrimento porque nestes tinha muito que oferecer a Deus¹⁰¹. «A dor é o que há de mais sábio: a dor é a escola mais sublime: nada mais do que a dor nos ensina

⁹⁹ Cf. A 49.

¹⁰⁰ A 53-54.

¹⁰¹ Cf. C (31.XII.1933), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 62.

a amar Jesus, nos encaminha e guia para Ele»¹⁰². Pois a quem Jesus ama, fá-lo participar de sua Paixão e mais o faz semelhante a Si através do sofrimento.

Alexandrina está associada aos sentimentos de Cristo e é Ele quem nos fala por ela e nela. É como ouvir de sua boca os ardentes desejos da humanidade, que O faz sofrer, que O crucifica. Assim, a correspondência da alma vítima, dócil à divina vontade, move o Salvador a exclamar os mais belos elogios: «Jesus consola-Se na tua crucifixão, encontra em ti toda a reparação que se pode encontrar na terra»¹⁰³; «grande amor, ditosa dor que te levou a merecer de Jesus tão honrados e elevados títulos!»¹⁰⁴. Uma vez associada aos divinos mistérios, esta alma está unida à missão redentora de Cristo e Ele a ama de tal modo que a torna partícipe na distribuição de suas graças a todas as almas.

O amar, sofrer, reparar também se expressa nas inúmeras vezes que deseja consolar Jesus e manifestar-Lhe seu amor oferecendo até mesmo seu próprio *sangue*. O mesmo vocábulo ou o verbo *sangrar* expressam ora seus grandes sofrimentos, ora os de Jesus e de Maria.¹⁰⁵

O coração de Alexandrina palpita no *só por amor* que é o ímpeto de todos os seus oferecimentos e o que a faz fiel ao chamado do Senhor. Ela

¹⁰² S (1.III.1946), em PASQUALE, H., *Beata Alexandrina*, 95.

¹⁰³ S (27.III.1942), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 213. Sobre a realidade do consolo que Deus recebe da reparação pode-se ler MR 10.

¹⁰⁴ S (1.XII.1944).

¹⁰⁵ «Quero, por todos os caminhos percorridos durante a vida, deixar escrito com o meu sangue o vosso amor. São caminhos de luta, caminhos de negras trevas; trevas como nunca, abandono como nunca imaginei passar... Abandono, que completo abandono!... Jesus, Jesus, olhai a louquinha perdida que tudo sofre e aceita por vosso amor, para dar-Vos as almas. Jesus, Mãezinha, quero sofrer tudo; as forças não me ajudam. Estou sozinha, posso dizer convosco: – Pai, porque me abandonastes? Quereis assemelhar-me a Vós? Obrigada, meu Jesus; submeto-me ao peso da vossa Cruz. Sinto arrancarem-me o coração, sinto que vou morrer esmagada, mas quero balbuciar sempre: – Ó como é doce morrer por amor! Ó como é doce cumprir a vontade do Senhor! Jesus, à medida que se aproxima a crucifixão, o pavor aumenta, sinto-me cravada na cruz, dando de longe a longe um suspiro até que seja o derradeiro. A agonia aumenta; são dados ao meu corpo maus tratos sem piedade. O mundo, ó mundo que não conheces a dor nem o amor de Jesus. Só com Ele se abraça a cruz, só com Ele se caminha para o martírio!... – “Minha filha, escuta: é Jesus que se aproxima; vem beber à tua fonte, vem saciar a fome com a tua esmola. É com a tua crucifixão que os pecadores recebem graça. É pela tua crucifixão que os pecadores recebem toda a graça. É pela tua crucifixão que o mundo recebe a paz. Coragem, coragem!”» (S (20.III.1942), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 208-209).

experimenta em sua própria carne a configuração com Cristo que todos os cristãos somos chamados a alcançar. Além disso, o Senhor enche esta alma com graças extraordinárias, como manifestação de sua misericórdia e para o benefício das almas. A dor de amor que Nosso Senhor padece em sua livre vontade repercute-se na vida de suas vítimas, que, com uma generosidade livre e firme, desejam abraçar tudo para conformar-se com Cristo crucificado, consolá-Lo e ajudá-Lo na obra da redenção.

Consequentemente, o que causa o sofrimento da alma-vítima? A resposta de maneira surpreendente e simples encontra-se nestas palavras durante um êxtase, no momento em que já estava no cume do Calvário: «Amava, e porque amava, sofria»¹⁰⁶, e a finalidade de todo o seu sofrimento é o Céu, é «dar glória a Deus e salvar almas, aceitar e fazer a vontade do Pai»¹⁰⁷ numa resignação heroica. Só se abraça verdadeiramente a cruz quando se tem expectativa da glória. Este enamorar-se louco da cruz é um abraço que se esvazia de si mesmo na espera do fim último; se não se crê na glória, o resultado é frustração e desespero. Isto ocorre, por exemplo, quando, não se entendendo o porquê da cruz e tendo perdido a esperança, em vez de dar a vida, escolhe-se tirá-la. Ao contrário, a alma que com amor abraça e beija a cruz é assistida de maneira particular pelo Senhor, e por isso é realmente feliz por ser vítima¹⁰⁸.

Ela compartilhava seus sofrimentos somente com seu diretor espiritual e sua irmã, Deolinda. A cruz assim permaneceu quase sempre oculta, levada no silêncio com resignação heroica e alegria interior que se exteriorizava no sorriso testemunhado por todos os que entravam em seu quarto. Mesmo que a natureza tenha aversão ao martírio, a caridade ardente mantém-na fiel.

A minha natureza tem horror ao sofrimento, mas o coração, a transbordar com ânsias da glória e do amor de Jesus, voa num voo rápido e louco a enredar-se nos sofrimentos. Que loucura pela dor, para que só Jesus tenha amor e para que o mundo se incendeie nas chamas do amor divino e para que todos os corações se purifiquem e inflamem dentro do mesmo divino Coração! Quero amar, quero sofrer, quero reparar!¹⁰⁹

¹⁰⁶ S (16.II.1951), em *Id.*, *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 116.

¹⁰⁷ *Ibid.*, S (26.X.1951), 99.

¹⁰⁸ C (14.II e 18.VI.1935).

¹⁰⁹ PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 135.

Nos momentos de extrema agonia, abandono, solidão, percebe-se na alma vítima aquela motivação com que o próprio Jesus perseverava na via-sacra: o amor, *só por amor*. Alexandrina experimenta o abandono no combate mais duro, nas noites escuras dos sentidos, no estar sozinha sem consolo espiritual, seja de Deus ou de qualquer figura humana, por exemplo, na privação de seu diretor espiritual em 1942, ou na tristeza de não se poder celebrar a Santa Missa em seu quarto, que a enchia de profunda força e alegria.

É um ano de profundo sofrimento, agonia e novas experiências de intimidade com Deus. Mesmo «no meio deste mar de sofrimento e deste lutar de negras trevas, de noite escuríssima – exclama –, a minha alma goza a maior paz»¹¹⁰. Isto reflete o mistério da Cruz de Cristo: mesmo em meio à mais profunda agonia e solidão, nos mais intensos e incompreensíveis tormentos físicos e morais, inclusive no grito *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27, 46), o Senhor não cessava por um único instante de ser Deus e de contemplar o Pai face a face e, por isso, gozava de profunda paz e alegria interior. A paz é fruto do Espírito Santo, é fruto do amor que dá tudo para levar a cabo o que Deus lhe confiou (cf. Jo 5, 30; Hb 10, 7). A paz experimentada pela vítima de Balasar não tem outra razão que o estar imersa e entregue sem reservas à vontade de Deus. Sofre, mas sofre com paz, a ponto de desejar sofrer sempre mais para alcançar essa mesma paz para a humanidade inteira.

Quero que as flores que adornam a minha cruz sejam só sofrimentos. Ó sofrimentos amados, resgate e conquista das almas e do amor do meu Jesus! Quem uma vez abraçou os sofrimentos por amor d'Aquele que lhos envia não os pode deixar jamais!¹¹¹

O sofrimento e a reparação só adquirem sentido no amor e através do amor, em suma, na oferta amorosa como participação na entrega sacrificial de Cristo enquanto vítima para a salvação da humanidade. É o amor o que justifica a missão redentora de Cristo, um amor que se fundamenta em querer sobre todas as coisas fazer a vontade de quem O havia enviado (cf. Hb 10, 7-9), assumindo em sua carne toda a miséria humana. Um amor que é resposta de inestimável e incompreensível valor, significada na doação de um Deus infinito até a morte de Cruz. Da mesma forma, a associação a seu mistério redentor só se explica à luz de um amor que se

¹¹⁰ *Ibid.*, S (27.III.1942), 211.

¹¹¹ C (6.XII.1939), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 151.

dá incondicionalmente, que abraça a cruz para dar toda a glória a Deus e fazê-Lo amado por todos os homens, dando-se sem reservas para que nenhuma alma se perca.

Perseverante no sim renovado, Alexandrina manifesta claramente que é forte somente com Jesus, que seu coração arrebatado em dor suporta tudo por amor. Sua alma vive num exílio contínuo e nada nega a Jesus. Sua única alegria é sofrer por Ele, e Jesus responde à sua disponibilidade cada vez mais intensa. Então o sofrer, amar e reparar gera seu fruto: a salvação das almas.

A prontidão de uma entrega total ao Senhor e ao que lhe peça faz esta serva exclamar tantas vezes o desejo que traz em seu coração. *Sofrer, amar, reparar*. Estas palavras permaneceram de tal modo na vida de Alexandrina que eram como seu grande lema. O mistério de dor, sacrifício e cruz só se compreende no dinamismo do amor, que aceita tudo e dá tudo por amor. O amor ao sofrimento só se dá como fruto de um amor maduro, da caridade que se forja na alma e é incondicional mesmo nas provações mais duras. Só no amor o sofrimento ganha sentido e pode ser suportado com alegria e paz, que são ao mesmo tempo fruto e disposição desse amor heroico à cruz, e que as experimentou Alexandrina. Quando sofre por amor, a alma recebe de Deus graças que transformam sua vida e se estendem a outros, e assim se pode entender de modo simples o efeito da reparação. *Por Vós e pelas almas*, dizia repetidamente a vítima de Balasar, porque era chamada por Deus a oferecer todos os seus sofrimentos para consolar Jesus e para a salvação dos pecadores, e este sofrer e reparar uniam-se num único ato de amor.

Tal é a identificação com Cristo contida nestas três palavras que, ao contemplar o que significou na vida da beata sofrer, amar e reparar, somos levados a pensar no mesmo mistério de Jesus, Verbo divino que Se encarna e Se faz Vítima para a salvação do homem. Se Alexandrina foi chamada por Jesus *redentora* e *salvadora* da humanidade, é porque aceitou livremente ser associada a Ele enquanto vítima, quis ser conduzida como *cordeirinho* ao matadouro, eleita por Deus para colaborar de modo extraordinário na salvação, passando antes por uma entrega no pequeno e ordinário.

A vítima de Balasar é com Cristo alma expiatória. Em perfeita identificação com Cristo e tendo em si não a sua, mas a vida divina, ela é oferecida e se oferece ao Pai, e o fruto desse sacrifício é, como o próprio Deus lho promete, a abertura do Céu a milhares de almas.

Ao clamar o *tenho sede* no alto da Cruz, muito além de expressar uma necessidade física e demasiado óbvia naquele momento de extrema agonia e esgotamento, Jesus exterioriza uma carência real de seu Coração¹¹². Todo seu sofrimento foi pelas almas: *Deus amou tanto o mundo* (Jo 3, 16) e cada pessoa em concreto. Percebemos essa sede infinita de Jesus no coração sedento de almas da vítima de Balasar. Seus sofrimentos suportados e até desejados de modo heroico fazem-nos entender ou ao menos imaginar o valor de cada alma em sua singularidade única e irrepetível. Por isso Alexandrina roga a Deus: «Dai-me mais e mais sofrimentos... dai-mos depressa, mas dai-me com eles as almas!»¹¹³.

2.4 A malícia do pecado e o terror do inferno

Como alma vítima e sacerdotal, o lema amar, sofrer, reparar leva-nos a meditar sobre outra realidade pertinente nos escritos da beata: a da gravidade das ofensas contra Deus. Alma humilde, sempre reconhece sua miséria, pequenez e inclusive sua indignidade na missão de salvar almas. Muitas vezes, porém, Alexandrina se sente submersa no pecado e chega a experimentar os padecimentos do purgatório e do inferno; um sofrimento, como Jesus lhe revela, único na história, como nunca antes concedeu a outra pessoa prová-lo. Por isso a encoraja a continuar, a não desanimar no calvário, pois «só assim os pecadores são salvos».¹¹⁴

Há um período em sua vida em que, só de escutar a menção da palavra *pecado* ou *pecador*, sentia tanto horror que começava a entrar em agonia, exceto quando se contava entre eles, por exemplo, se rezava a oração da Ave-Maria¹¹⁵. Por isso exclamava ao conhecer o tormento dos condenados: «Quanto se deve evitar o pecado, só para nunca perder Jesus nem ferir o seu amante Coração»¹¹⁶.

O que padece a alma vítima remete assim ao mistério do sofrimento do inocente. Tamanha é a gravidade do pecado que sempre é necessário

¹¹² Cf. PASQUALE, H., *Alejandrina: alma de vítima y de apóstol*, 156.

¹¹³ *Ibid.*, 128. O Senhor ainda lhe diz em 1936: «Ai, minha filha, como Eu te amo! Amo-te porque Me amas. Amo-te porque Me dás almas. Se soubesses o preço de uma alma! E tens-Me dado tantas! Amo-te porque és digna do meu amor. És digna do amor de um Deus que te criou e te olhou sempre com predileção» (C (3.XII.1936)).

¹¹⁴ S (31.X.1943), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 258.

¹¹⁵ Cf. PASQUALE, H., *Alejandrina: alma de vítima y de apóstol*, 107; 130; 158.

¹¹⁶ PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 170.

penitência; um crime jamais pode ficar sem castigo, sem reparação, sem justiça, porque a ofensa reclama arrependimento, amor. Nosso Senhor diz-lhe em 1939: «A justiça de Deus tem de punir; tem de ser satisfeita. Ou sofre o pecador ou sofre o inocente»¹¹⁷.

A 3 de maio de 1952, primeiro sábado, foi-lhe confiada a missão de mensageira e de distribuir as riquezas dos Corações de Jesus e Maria, começando pelos mais queridos até as almas do mundo inteiro. Jesus lamenta, de modo particular, as ofensas recebidas por parte das almas consagradas, que Lhe fazem sangrar o Coração, dor que compartilha com sua vítima. A Mãe do Céu também lhe pede que repare seus divinos Corações, a Trindade, a Eucaristia, as comunhões sacrílegas.

Jesus ademais Se queixa várias vezes dos pecados dos sacerdotes e pede reparação para que não caiam no inferno esses seus «amigos ou que deviam sê-lo», que não somente renovam sua Paixão, mas também «consentem que outros a renovem recebendo-Me sacrilegamente»¹¹⁸. É certo que diferentes almas recebem Jesus Sacramentado: umas O recebem com grande amor, com loucura e sede insaciável, outras, ao contrário, com tanta frieza, indiferença, desprezo¹¹⁹. Sacrilégios¹²⁰, ultrajes, blasfêmias, a falta de fé na presença real de Jesus no Santíssimo Sacramento, a pouca atenção que se Lhe presta nos tabernáculos, os pecados da carne, a impureza que

¹¹⁷ *Ibid.*, 130. A palavra do Senhor recorda-nos a experiência de Jó. O inocente percebe um duplo movimento na consideração dos males que padece: por um lado, está consciente de não ter levado uma vida depravada, de que é um homem justo; por outro lado, apesar de estar em meio a grandes tribulações que poderiam levá-lo a julgar Deus injusto, afirma, ao contrário, a bondade divina e renova a confiança na Providência. Entende assim que o desígnio do Pai não é que o inocente morra pelos pecados de outros, mas uma manifestação de sua misericórdia. Isso jamais se entende numa lógica que considere o sofrimento como mera consequência de haver pecado. Jesus Cristo, o Inocente, quis padecer todas as dores e todas as consequências do pecado sem ter pecado. Então, se associa outros inocentes à sua oferta de justo pelo pecador, é unicamente para salvar, para converter a liberdade equivocada do homem e atraí-lo a seu amor e bondade. Disso se entende que é sempre necessário que alguém sofra, pois o Pai tem de exercer sua justiça que jamais se desvincula da caridade, e isto sim é misericórdia. Para essa alusão ver *Ibid.*, 167.

¹¹⁸ S (2.VIII.1947).

¹¹⁹ Cf. S (23.V.1947), em *Id.*, *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 63. Em outro êxtase exclama de uma forma tremenda: «Oh! Que horror, o que eu vi: tantos Judas a comerem e a beberem indignamente! Que línguas tão sujas! Mas mais horror ainda: mãos tão indignas a distribuírem este Pão e este Vinho!; mãos indignas, corações cheios de demônios! Que horror, que horror de morte!» (*Ibid.*, S (12.IV.1945), 41).

¹²⁰ Cf. S (21.III.1952).

é causa de todos os males...¹²¹. A vítima de Balasar é chamada a reparar todos esses pecados dirigidos contra a Santíssima Eucaristia para fazer Jesus amado e alcançar sua divina misericórdia para os pecadores de todos os tempos, obtendo por seu amor a reconciliação entre Deus e o pecador. Ela, com seu sangue, cuida para que não se perca o Sangue de Jesus¹²².

Por outro lado, quando Alexandrina experimenta o inferno nos acontecimentos mais aterrorizantes de sua vida, manifesta a gravidade do pecado e a terrível consequência de perder a amizade com Deus e destruir-se a si mesmo. Uma pessoa é, com efeito, responsável por sua condenação. Mas por que Alexandrina experimenta misticamente o inferno? Temos a resposta do próprio Jesus: se Ele lhe permite passar por tais tormentos, é para «evitar as almas de caírem lá»¹²³, é para «sofrer os sofrimentos que deviam sofrer aquelas que nele deviam cair»¹²⁴.

A experiência de Alexandrina é antes de tudo uma exortação a toda a humanidade¹²⁵, especialmente àqueles que não se dão conta da existência desse eterno suplício, ou outros que, apesar de o crerem, não mudam de vida e se abandonam à cegueira, aos prazeres do mundo. Esta é a morte do pecador, que vive como um morto¹²⁶. Esta é a tremenda realidade do inferno, um «eterno desespero», «querer ver Deus e não poder»¹²⁷, «perder Deus, nunca mais ver Deus»¹²⁸. Por isso exclama:

Não queria um só momento de deixar de aos vossos ouvidos falar do amor que Jesus nos tem e o que é a nossa ingratidão para com Ele, quando pe-

¹²¹ Cf. C (1.XI.1934; 18.VII.1935). Em Fátima, na terceira aparição, a 13 de julho de 1917, Nossa Senhora revela aos pastorinhos o Segredo, cuja primeira parte consistia na visão do inferno. Os pecados da carne são os que mais levam almas para lá. Tal foi o horror que sentiram que, consequentemente, os induziu a uma mudança de comportamento. Movidos pelo pedido de Nossa Senhora, não cessavam de impor-se sacrifícios austeros e orações pelas almas que vão àquela «cova de bichos», disse a pequena Jacinta, «uma fogueira muito grande», onde as almas permanecem «lá sempre a arder» (LÚCIA DE JESUS, *Memórias da Irmã Lúcia I*, Luís Kondor (compilação), Joaquín M. Alonso (introdução e notas), Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto 2015¹⁷, 46).

¹²² Cf. S (23.II.1945).

¹²³ S (16.V.1952).

¹²⁴ S (15.VIII.1940), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 174.

¹²⁵ Cf. S (13.VIII.1945), em PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 21.

¹²⁶ Cf. PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 172.

¹²⁷ S (13.VIII.1945), PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 21.

¹²⁸ *Ibid.*, S (16.VIII.1945), 21.

camos. Queria dizer muita coisa para não vos deixar cair no pecado: Amai o Senhor! Amai o Senhor! Temei o inferno!¹²⁹

A 3 de janeiro de 1935, o Senhor clama mais uma vez o estado de degradação do mundo no pecado, que seu sofrimento era inútil, que para muitos não há inferno e tantos só buscam satisfazer as paixões mais vis. Por isso elege vítimas, porque «o sofrimento e a cruz é a chave do céu», e «feliz da alma que compreende o valor do sofrimento»¹³⁰. Aqui se entende o valor da alma vítima, que sempre terá lugar no mundo, porque o Coração de Jesus, que anela o homem, sempre sofrerá amargura pelo rechaço de muitos e receberá consolo pelo amor de outros¹³¹.

Realmente não se pode medir a gravidade do pecado e a consequência última de haver ofendido a Deus. Jesus quis associar sua serva a essa profunda amargura para fazê-la perceber o horror pelo qual o mundo caminha, a dor que Lhe esmaga o Coração e a urgente necessidade de conversão e expiação. É verdade que Deus está sempre pronto a perdoar, mas a realidade do inferno também confirma sua infinita sabedoria e misericórdia, quando permite às almas viverem eternamente na ausência d'Aquele que negaram em seu livre arbítrio e não quiseram acolher seu constante desígnio de misericórdia.

À alma amante do Coração divino concede-se cada vez mais uma verdadeira contrição de seus pecados e uma sincera compaixão por ver o Amado tão ofendido. É assim que Alexandrina sempre queria consolar Jesus, consumir-se inteiramente para não deixar que nenhuma alma se perdesse, para que o Sangue de Jesus não se derramasse inutilmente¹³². Tinha pena não só do Coração de Jesus, mas porque conhecia a tremenda

¹²⁹ *Ibid.*, S (11.VIII.1953), 24.

¹³⁰ C (10.I.1935), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 55.

¹³¹ «Embora a perversidade dos homens cresça excessivamente, cresce também maravilhosamente, inspirados pelo Espírito Santo, o número de fiéis de ambos os sexos, que com espírito resolutivo procuram satisfazer o Coração divino por todas as ofensas que Lhe são cometidas, e até não hesitam em oferecer-se a Cristo como vítimas. Quem medita com amor sobre o que dissemos e o grava no fundo do seu coração, não poderá deixar de odiar e abster-se de todo pecado como o maior mal; render-se-á à vontade divina e esforçar-se-á para reparar a honra ofendida da divina Majestade, ora orando assiduamente, ora sofrendo pacientemente as mortificações voluntárias e as aflições que surgirem, ora, finalmente, ordenando toda a sua vida à expiação» (MR 13).

¹³² Cf. C (2.III.1936), em PINHO, M., *Uma vítima da Eucaristia*, 50. Outra passagem que mostra tal generosidade é: «Queria ter sangue, de ter a terra toda ensopada nele, mas sangue que pudesse apagar toda a qualidade de crimes, para Jesus não os ver; para que o

realidade para a qual eram conduzidas as almas. A alma vítima, semelhante ao Crucificado, padece no lugar de todos com seu amor infinito e livremente até alcançar a salvação da amada ovelha perdida, e sofre ainda mais quando esta permanece insensível até cair no fogo eterno. Por isso, é sobretudo mensageira da misericórdia divina que sempre quer salvar e cujo ato sublime deu-se de uma vez por todas na Cruz. Aqueles que se perdem são uns «pobres infelizes», dos quais só resta sentir profunda pena, recordando que essas *alminhas* «uma vez perdidas ficam perdidas para sempre»¹³³.

Se eu pudesse fechar as portas do inferno com os meus sofrimentos! Assim repito a Nosso Senhor: “Ó meu Jesus, a cada nova dor e nova aflição, novos atos de amor para os vossos sacrários e novos ferrolhos e fechaduras para as portas do inferno, para que força nenhuma do pecado a possa abrir” ... Deu-me Nosso Senhor a pérola mais preciosa e a riqueza maior que me poderia ter dado neste mundo. Como é feliz quem sofre com Jesus!¹³⁴

Essas palavras permitem-nos novamente contemplar o heroico sofrer de Alexandrina e os altos graus a que chegavam seus íntimos afetos oferecidos por Aquele a quem mais amava, Jesus Sacramentado. Cada renovação de um padecimento como ato de amor aos sacrários revela que ela compreendia bem que à Eucaristia, remédio de todos os males, dirige-se todo tipo de injúria. O sofrimento trazia-lhe alegria porque sabia que era fonte de consolo para Ele e de vida para as almas.

Assim, uma alma eucarística, como a florzinha eucarística de Balasar, busca rejeitar tudo o que não é Jesus e tudo quanto Lhe desagrada. Dizer que sua vida é eucarística inclui esta realidade de horror ao pecado, porque de tal modo está ferido o Coração de seu Amado, ferido de amor. Este é, pois, mais um apelo da mensagem de Alexandrina: ter esse mesmo horror ao pecado e aproximar-se da Eucaristia com o coração mais puro possível. Isto conduz a uma vida de amar, sofrer e reparar, a uma verdadeira intimidade com Deus e ao melhor de nós mesmos, a uma vida verdadeiramente sacerdotal, pois é um viver da Eucaristia, e isto é a meta da vida cristã.

seu divino Coração não sentisse a dor causada pelo pecado, mas sim os ardores de todos que O amam» (C (18.VI.1940), PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 135).

¹³³ C (7.I.1936).

¹³⁴ C (16.XI.1935), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 64.

3. A vida eucarística de Alexandrina enquanto apóstola

O teu coração e o meu são um só; estás toda transformada em Mim. Eu sou a tua vida; não tens a vida humana, tens a vida divina. Não tens a vida da terra, vives a vida do Céu. A tua vida terá sempre espinhos, um espinho penetrará outro espinho e assim crucificada à minha semelhança passarás ao Céu cravada na cruz por amor de Mim. Pede-Me, minha filha, pede-Me o que quiseres em nome do meu divino Sangue e em nome das dores de minha Mãe Santíssima, tudo alcançarás.¹³⁵

Com essas palavras vamos agora aprofundar sobre a consequência de haver sido transformada em Cristo. A quem foi feito partícipe da vida divina, Cristo Se torna vida nele, e este deve continuar a missão de Cristo, que se realiza na Igreja e pela Igreja. A vida que se recebe, ou seja, a vida divina, deve-se doá-la, fazê-la frutificar. Aquilo que configura seu ser – *amar, sofrer, reparar*, em sua identificação com Cristo – é seu mesmo apostolado: «A missão que te confiei são os meus sacrários e os pecadores»¹³⁶. Repetidamente a convida para morar e acompanhá-Lo nos sacrários, a fazer reparação e amá-Lo pelos que não O amam e O ofendem.

Assim sendo, o último traço da vida de Alexandrina sobre o qual queremos refletir recorda o mistério *impetratório* da Santa Missa e o essencial caráter missionário da Igreja¹³⁷. Viver da Eucaristia implica o desejo de comunicá-lo a todos¹³⁸. O único desejo do coração de Alexandrina de consolar Jesus e salvar almas é concretizado em sua missão, e estas duas coisas cumpria-as propriamente nos sacrários, atendendo aos convites de Jesus.

Alexandrina é apóstola sobretudo sendo vítima, alma totalmente entregue a Deus, de tal modo que seu apostolado são as almas, a salvação de todos os pecadores. Assim como o ser de Jesus Cristo identifica-se com sua missão de Salvador – Ele vem para salvar-nos –, a vítima de Balasar vive pelas almas, cujos desejos impelem-na a uma loucura de amor e heroica generosidade de dar tudo e a si mesma para que se cumpram os desígnios que Deus lhe confia.

Tal é a importância dessa missão que, no ano 1952, o Senhor falou-lhe da «urgente imolação, mais dolorosa e permanente» do calvário de

¹³⁵ Palavras de Jesus a Alexandrina, S (18.IX.1943).

¹³⁶ C (20.XII.1934), em PINHO, M., *Uma vítima da Eucaristia*, 34.

¹³⁷ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, decreto *Ad gentes* (7.XII.1965), 2.

¹³⁸ Cf. SaC 84.

Balasar. Entretanto a correspondência da humanidade não é tarefa sua. Jesus então aponta o grande remédio dentro de um perigo iminente: «Ai do mundo sem a Santa Missa, sem a Eucaristia, sem as minhas vítimas. Ai do mundo sem a vítima pequenina aos seus olhos, mas grande, muito grande, com toda a grandeza aos olhos de Deus!»¹³⁹.

Com isso, evidencia-se a urgente necessidade de almas vítimas. De fato, a missão daquele que foi chamado por Deus para sê-lo, à qual corresponde livremente, consiste em amar pelos que não O amam, reparar pelos que O ofendem e sofrer tudo para demonstrar amor a Deus e a todos os homens. A resposta mais eficaz ante o pecado é o amor; é o amor que repara. E aqueles que o Senhor chama a reparar pelo caminho do sofrimento, da enfermidade, da penitência e do sacrifício, Ele o faz para mostrar mais uma vez aos homens o que sofreu por nós, pois só assim se entende o sentido da dor, porque a cruz redime, salva, e sem ela não há salvação, não há glória (cf. Gal 6,14).

A vocação de ser vítima explica-se pela obra que lhe é confiada, quer dizer, *os sacrários e os pecadores*. Nela se unem o fazer Jesus amado e a salvação das almas. É aqui que o que se vive na adoração, união e expiação é chamado a tornar-se vida em si mesmo e vida para os outros. Portanto, unem-se profundamente as dimensões da Missa e da vida do cristão, chamada a repercutir na história e nos homens de todos os tempos. Se não há apostolado, afã de almas e fome de espalhar no mundo o que se experimenta no Mistério, o Evangelho fica sem fruto, posto que 1o mandato missionário é constitutivo do ser Igreja, do ser cristão, do ser santo (cf. Mc 16,15).

3.1 Os sacrários e os pecadores

Consideremos então a primeira parte de sua meta segundo a palavra do Senhor: *Tua missão são os sacrários*. Esta se entende como a tarefa de amar e fazer Jesus amado na Santíssima Eucaristia, através de seus atos e de sua companhia e atraindo outras almas ao mesmo. Talvez uma das expressões mais impressionantes que Jesus lhe dirigiu lemos nesta carta ao padre Mariano Pinho, quando compara a visita ao Santíssimo como uma obra de misericórdia:

Minha filha, não tens pena de Mim? Estou sozinho nos sacrários e abandonado e tão ofendido; anda consolar-Me, desagravar-Me; repara tanto

¹³⁹ S (10.I.1952), em PASQUALE, U., Fátima e Balasar, 28.

abandono... Visitar os presos da cadeia e consolá-los é uma boa obra; estou preso, e preso pelo amor; Eu sou o preso dos presos.¹⁴⁰

Jesus no sacrário, só, abandonado, entristecido, ainda que plenamente feliz sendo Deus, querendo falar e ser ouvido, dar e receber, amar e ser amado, expressa a grande tensão do homem em direção à sua plenitude. Somente no encontro com Aquele que é tudo, alguém pode conhecer-se, preencher-se, saciar-se; e preso na câmara sagrada do Coração divino, é capaz de fazer que sua vida feita eucaristia se transforme em apostolado fecundo.

Templo da Santíssima Trindade, sacrário de Jesus e sedenta desse Sacramento do Amor, Alexandrina é escolhida como instrumento pelo qual vão muitas almas a Jesus e «sejam excitadas a amá-Lo na Santíssima Eucaristia»¹⁴¹. Sua tarefa de vigiar nos sacrários, acompanhar, reparar, pedir pelos pecadores e pregar a devoção aos sacrários tinha de ser constante, sem descanso. Essa missão de ser vítima da Eucaristia sustenta a justiça divina¹⁴², e muito poucas são as almas que se dispõem a isso¹⁴³.

¹⁴⁰ C (4.X.1934), em PINHO, M., *Uma vítima da Eucaristia*, 33.

¹⁴¹ *Ibid.*

¹⁴² Cf. PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 13. Com base nos textos de Alexandrina e em paralelo com os pedidos de Nossa Senhora em Fátima, a reparação tem um duplo sentido: consolar Deus e implorar sua misericórdia. Em última análise, é para aplacar a justiça divina que ameaça castigar o mundo, não por maldade ou vingança do divino Coração que é infinitamente bom e justo, mas como consequência direta dos pecados dos homens pelos quais prejudicam a si mesmos. A aparente ameaça diante dos erros da humanidade aponta, antes, a um chamado a que o homem reconheça os males aos quais o conduz sua má vontade. Deus nunca faz o mal ou quer o mal, e não está na origem de nenhuma maldade, senão tolera os males tirando-lhes bens. Se há “castigo”, pena, é antes para purificar e atrair os homens a si, mas se se negam livremente a corresponder à sua bondade sapientíssima, o resultado terrível e último é a condenação eterna.

¹⁴³ Vale a pena contemplar estas palavras que o Senhor lhe dirige acerca da pouca disposição encontrada nas almas para acolher o chamado para ser vítima, reafirmando a singular correspondência que encontra em Alexandrina: «Dei a vida na cruz e triunfei sobre a morte. Eu anseio, minha filha, sim, eu anseio que na minha cruz sejam crucificadas muitas, muitas vítimas. Há tão poucas que se deixam imolar e crucificar! O mundo, os pecadores têm necessidade de almas reparadoras. Eu, o Senhor misericordioso, o Senhor que quer perdoar, vou bater à porta de muitas almas a pedir-lhes essa imolação, essa crucifixão. Mas olha, minha filha, quantas recusas, quantas negativas ! Aqui, aqui, à porta do teu coração, nada me foi negado, nada me será negado. Esta cruz, esta cruz, que tenho em minhas mãos, posso distribuí-la por todas as almas, todas, todas do mundo inteiro, e todas numa só cruz, todos os sofrimentos num só sofrimento não chegavam, ficavam longe, muito longe da minha cruz, do que nela sofri. Está aqui, está aqui, filha

Falar às almas da Eucaristia significa também anunciar-lhes o grande amor que Jesus lhes tem. Os sacrários são o ponto onde convergem sua vida de anúncio e reparação, de apostolado e vítima. Alexandrina amava Jesus e a Ele conduzia as almas por meio de seu amor manifestado em seus oferecimentos, sofrimentos, sua resignação, seu sorriso e toda a sua vida, que configuram uma verdadeira pregação junto àquelas exortações que ocasionalmente proferia à multidão de pessoas que a visitavam. Tudo o que Deus opera nela é anúncio para o mundo, não fica em si mesma, é para aquela missão mais alta, mais útil, mais digna: a das almas, de todos os pecadores que lhe são recomendados¹⁴⁴.

Além disso, unia-se a Maria para «andar de sacrário em sacrário, a pedir favores a Jesus» e para «formar um rochedo de amor» em cada tabernáculo para que ninguém voltasse a «ferir o seu Santíssimo Coração»¹⁴⁵. Unida à Virgem, Alexandrina se oferece como sentinela dos sacrários e pede-lhe ajuda para cumprir a missão que lhe fora confiada.

A segunda parte de seu apostolado, ou seja, *os pecadores*, entende-se dentro de uma vocação especial: a da *maternidade espiritual*, que configura toda a sua vida e sobre a qual refletiremos no último tópico. Por ora, procuremos aprofundar em sua responsabilidade pelas almas, de chamá-las à comunhão com Deus entregando sua própria vida para sua salvação. «Não és só a lâmpada dos sacrários, és a lâmpada do mundo, és a lâmpada dos tabernáculos das almas, és a sua luz e vida»¹⁴⁶.

Várias vezes Jesus revela a eficácia da missão de sua escolhida: «O teu sofrimento fala-lhes ao coração, o teu sorriso, o teu silêncio, fala-lhes, fala-lhes sempre». Em sua fome infinita de dar-Lhe todas as almas e de não permitir que nenhuma se perca, Alexandrina afirma que esta é a única finalidade de sua vida: fazer tudo pelas almas e dar todo o consolo a Jesus para que não seja mais ofendido.¹⁴⁷

querida, atravessada sobre o teu peito. Quero colocar no cimo dela o teu coração. Quero que o teu sangue a regue. Quero que ele corra sobre ela, assim como correu o meu» (S (6.VI.1952)).

¹⁴⁴ Cf. PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 290-291.

¹⁴⁵ Id., *Uma vítima da Eucaristia*, 27.

¹⁴⁶ S (23.XI.1945).

¹⁴⁷ S (3.VII.1953), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 294. No ano de sua morte, o Senhor confirma-lhe uma vez mais a autenticidade e eficácia de sua missão: «Minha filha, coragem!... A tua vida é o maior suplício que se pode imaginar, é o maior tormento que Eu posso dar às minhas vítimas. Se as tivesse em maior número!... Oh, se Eu tivesse

Alexandrina é escolhida para ser vítima e continuar a obra redentora. Por isso Nosso Senhor assegura-lhe que muitos, arrastados por seu exemplo, se transformam em almas verdadeiramente eucarísticas, em hóstias vivas, ardentes de amor, que são continuamente imoladas com Cristo e com Ele salvam o mundo. A grandeza da missão da alma a quem se confia a missão de vítima é, assim, de valor inestimável, e pobre do mundo sem elas.¹⁴⁸

O Senhor diversas vezes lhe transmite uma gota de seu preciosíssimo Sangue, comunica-lhe sua vida e une a seu Coração o coração de sua vítima, com o objetivo de que ela comunique às almas o que recebeu. Alexandrina é assim um instrumento pelo qual Jesus quer transmitir suas graças e seu amor a todos os homens, atraí-los a Si, convidá-los a seu amor, à penitência, à conversão. É voz pela qual o Senhor fala para chamar todos à união com Ele¹⁴⁹. Nisto consiste a grandeza da missão de quem é configurado como vítima. Essas almas, transformadas em Cristo e embebidas de sua divina graça, podem ser resplendor de sua glória no mundo e enchê-lo dessa vida que possuem, que já não é a sua própria, mas a vida divina.

Alexandrina recebe ainda a missão de difundir no mundo o amor dos Corações de Jesus e de Maria, comprovada na tarefa particular da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria. O meio de cumpri-la, como perguntava ao Senhor, seria através de sua dor. Só com ela as almas estariam profundamente unidas a Jesus e incendiadas em seu amor.

Logo, deve chamar o mundo a reparar as ofensas contra os Corações de Jesus e de Maria, que sofrem continuamente uma dor dilacerante e infinita por causa dos pecados dos homens. É Jesus mesmo que renova o pedido de contínua reparação:

Reparai, reparai por tantos crimes e iniquidades... Minha filha... A tua vida é a minha: é a vida de Cristo Crucificado. Eu fui vítima... Fui vítima

mais como tu, com tal generosidade! Mas não tenho. Quando lhes aperto o sofrimento, deixam de amar-Me. Desprendi-te de tudo da terra, para só a Mim te unir e para as almas prenderes a Mim. Só no céu se verá o que tens feito por elas. Quantas por ti têm sido salvas! A tua missão é a mais árdua, a maior de todas as missões: as almas, as almas!... Eu estou ferido e a justiça de meu Pai quer punir. Ó mundo, o que te espera, se não vives outra vida!...» (*Ibid.*, S (18.II.1955), 309).

¹⁴⁸ Cf. S (5.I.1952), em PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 11.

¹⁴⁹ Cf. S (21.III.1952).

da humanidade com minha bendita Mãe. Tu continuas a sê-lo com Ela e Comigo. É a razão por que assim sofres.¹⁵⁰

Jesus lhe confia e entrega o mundo inteiro. Tudo o que permite que aconteça à sua esposa querida é «medicina das almas». Em seu coração generoso, o divino Esposo recebe «tudo o que pode dar uma criatura ao seu Deus». Porque está cheia das riquezas divinas, Alexandrina é «fogo que é capaz de incendiar o mundo» que deve incitá-lo à oração, penitência e reconciliação.¹⁵¹

Por último, Jesus lhe afirma que é o próprio mundo que, por sua crueldade e ingratidão para com Deus, exige reparação. A maldade clama por justiça. Por isso tantas vezes pede para ser amado, pede almas, pede reparação, pede conversão.

Ó minha filha, a tua reparação é pelos sem fé, pelos sem Deus, pelos incrédulos. Tu reparas a Majestade divina por tudo e por todos... Foste escolhida para a missão mais nobre, mas a mais difícil... A tua vida é semelhante à da Santa Igreja: a Igreja sempre combatida, nunca vencida até o fim dos séculos.¹⁵²

A entrega total na Cruz é o grande convite para reconhecermos o extremo aonde chega o amor de Deus por nós, o qual Alexandrina é encarregada de anunciar ao mundo. Neste ponto de autêntico apostolado no

¹⁵⁰ PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 14; cf. também S (9.V.1952).

¹⁵¹ S (23.II.1945). Nesse mesmo dia, o Senhor continua a dizer-lhe: «Minha pura, minha bela, maior é o sacrifício, mais tens que oferecer-Me. Escuta então. Não é de joelhos, de mãos postas e com lágrimas que se movem os corações à compaixão? É tão grande o amor que tenho às almas como grande é o meu poder. O meu procedimento é a sede das almas. Não se pode comparar a sede humana à sede divina. Quantas vezes as criaturas, para saciarem a sua sede ardente, ajoelham-se, mergulhando seus lábios em água nojenta, lodosa e em lama. Eu, a grandeza sem igual, para saciar minha sede, para pedir a salvação das minhas almas, ajoelhei-Me na minha esposa querida, revestida de Mim, transformada em Mim, a pedir-lhe as almas, a pedir-lhe o mundo, esse mundo que é lodo e lama nojenta. Assim transformada em Mim, nada via em ti de miséria; vi as minhas maravilhas, a minha grandeza. Não é verdade que eu disse: “o que é grande faça-se pequeno”? Tu és o espelho que tudo reflete. Em ti, como quando passei no mundo, vou dando o exemplo. Maravilhosa lição, ensina-a às almas. És tu, filha minha, que lhe dás o passaporte para a eternidade. Ai do mundo, ai de Portugal, se não corresponderem às graças que lhes dou. Ai do mundo, mas ai mais ainda de Portugal, se não agradecer os benefícios que por ti recebe. Espalha pureza, espalha a graça, incendeia amor, amor, amor. E descansa, vítima inocente, em meu divino Coração, toma conforto para a tua dor sem igual e inigualável martírio».

¹⁵² S (15.X.1954), em PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 29.

chamado à conversão e em fazer Jesus amado na Eucaristia, surge uma nova obra: trata-se da devoção das seis primeiras quintas-feiras do mês.

3.2 Devoção das seis primeiras quintas-feiras

Contempla o amor que ali [nos sacrários] Me prendeu
e que Me levou a instituir este sacramento.¹⁵³

Tanto amor tinha pelo dia em que Jesus instituiu a Eucaristia, a quinta-feira santa, que desejava morrer numa quinta-feira, às que costumava chamava “meu dia”, e assim sucedeu de fato. As quintas-feiras, embora fossem seus dias prediletos, eram também dias de preparação para as sextas-feiras, que lhe reservavam grandes aflições. Eram assim dias cheios de alegria, já que lhe falavam da Eucaristia, mas também de tristeza e temor, porque caminhava em direção à morte¹⁵⁴. Ali, aproximava-se dela o peso de todo tipo de traição, a mesma dor que invadia o divino Salvador quando instituiu o Santíssimo Sacramento. Em todo caso, amava as quintas-feiras, pela Eucaristia, e as sextas-feiras, pelo Coração de Jesus e sua Paixão¹⁵⁵.

Os pedidos insistentes de Jesus expressam a necessidade urgente de «reparar tanto abandono e esquecimento» do seu Santíssimo Sacramento¹⁵⁶. Ele deseja ademais que haja almas que continuem a missão de Alexandrina após sua partida para o Céu, uma vez que sua sede de amar e de ser amado não cessa e só cresce¹⁵⁷. Além disso, comunica à sua serva e ao padre

¹⁵³ Palavras de Jesus a Alexandrina, C (15.III.1935).

¹⁵⁴ Cf. S (21.XII.1944).

¹⁵⁵ Cf. S (2.VIII.1945).

¹⁵⁶ C (27.IX.1934), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 48.

¹⁵⁷ S (23.II.1945). Nesse mesmo dia, o Senhor continua a dizer-lhe: «Minha pura, minha bela, maior é o sacrifício, mais tens que oferecer-Me. Escuta então. Não é de joelhos, de mãos postas e com lágrimas que se movem os corações à compaixão? É tão grande o amor que tenho às almas como grande é o meu poder. O meu procedimento é a sede das almas. Não se pode comparar a sede humana à sede divina. Quantas vezes as criaturas, para saciarem a sua sede ardente, ajoelham-se, mergulhando seus lábios em água nojenta, lodosa e em lama. Eu, a grandeza sem igual, para saciar minha sede, para pedir a salvação das minhas almas, ajoelhei-Me na minha esposa querida, revestida de Mim, transformada em Mim, a pedir-lhe as almas, a pedir-lhe o mundo, esse mundo que é lodo e lama nojenta. Assim transformada em Mim, nada via em ti de miséria; vi as minhas maravilhas, a minha grandeza. Não é verdade que eu disse: “o que é grande faça-se pequeno”? Tu és o espelho que tudo reflete. Em ti, como quando passei no mundo, vou dando o exemplo. Maravilhosa lição, ensina-a às almas. És tu, filha minha, que lhe dás o passaporte para a

Pinho a tarefa de fazê-Lo amado na Eucaristia e pede para que se pregue sobre ela. O Senhor dizia-lhe: «Se Eu for verdadeiramente amado, não posso ser ofendido. É lá a fonte de todas as graças»¹⁵⁸.

Evidentemente, o Espírito Santo não cessa de suscitar na vida da Igreja uma maravilhosa corrente de amor manifestada em distintas revelações ou devoções particulares que a enriquecem e dão frutos no mundo. Na década de 1670, na França, Jesus pediu a Margarida Maria Alacoque a devoção das primeiras sextas-feiras e a instituição da festa em honra a seu Sagrado Coração, a ser celebrada na sexta-feira seguinte à oitava de *Corpus Christi*. À Irmã Lúcia, em 1925, em Pontevedra, Nossa Senhora pediu a devoção dos cinco primeiros sábados em honra a seu Imaculado Coração. Em Alexandrina da Costa, por sua vez, parecem unir-se as mensagens do triunfo dos dois Corações: além de ter sido um instrumento para a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, o Senhor pediu-lhe a devoção das primeiras seis quintas-feiras em honra à Eucaristia. A novidade acontece no dia 25 de fevereiro de 1949:

Minha filha: faz com que Eu seja amado, consolado e desagradado em minha Eucaristia. Diz, em meu nome, que prometo o Céu a todos aqueles que comungarem bem, com humildade sincera, com fervor e amor, em seis primeiras quintas-feiras do mês consecutivas, e passarem diante do sacrário uma hora de adoração e união íntima Comigo. Diz que, através da Eucaristia, honrem as minhas santas Chagas, honrando em primeiro lugar a do meu sagrado Ombro, tão esquecida. A quem assim fizer, e às minhas santas Chagas unir as dores de minha Mãe Bendita e, em seu nome, pedir-nos graças, sejam espirituais ou materiais, Eu prometo conceder-lhas, desde que não sejam para prejuízo de sua alma. No momento da sua morte, trarei Comigo a minha Santíssima Mãe para defendê-los.¹⁵⁹

eternidade. Ai do mundo, ai de Portugal, se não corresponderem às graças que lhes dou. Ai do mundo, mas ai mais ainda de Portugal, se não agradecer os benefícios que por ti recebe. Espalha pureza, espalha a graça, incendeia amor, amor, amor. E descansa, vítima inocente, em meu divino Coração, toma conforto para a tua dor sem igual e inigualável martírio».

¹⁵⁸ C (9.V.1935); também S (6.VI.1952). Esta palavra revela-nos o sentido mais profundo do amor: quem ama verdadeiramente não faz mal ao amado. Consequentemente, quem ama verdadeiramente Deus não faz mal nem a si mesmo nem ao próximo, pois o amor a Deus deve-se manifestar na vida e nas obras. O pecado, portanto, como um ato de rebelião contra Deus e negação da própria natureza do homem, criado para Deus, Suma Verdade e Sumo Bem, é verdadeira ofensa a Deus e razão de toda confusão no ordo amoris entre o homem, Deus e as demais criaturas.

¹⁵⁹ PASQUALE, H., *Alejandrina: alma de vítima y de apóstol*, 217.

O pedido acompanha algumas condições. Em primeiro lugar, comungar bem significa estar devidamente preparado, com atenção e zelo, buscando a máxima união com Jesus Sacramentado no momento da ação de graças. Em seguida, essa união estende-se ao culto da adoração nas custódias e nos tabernáculos, ali onde está «como Homem e como Deus»¹⁶⁰. Entre as dolorosas chagas de Jesus que evidenciam o ápice do seu amor por nós, deve-se dar uma atenção especial à do ombro¹⁶¹; ombro que carregou os pecados de cada homem, de todos os tempos; que suportou uma cruz de peso infinito¹⁶². Tudo deve ser feito em honra e união às dores de Maria, o que expressa a unidade dos dois Corações, tão afirmadas em Fátima e Balasar, o laço profundo entre Aquela que foi o primeiro ostensório e Aquele que Se faz Eucaristia¹⁶³. Com efeito, Maria é quem melhor pode entregar a Deus nossas obras para que alcancem seus frutos. Finalmente, há a promessa de obter aquilo que nos convém e, enfim, o Céu.

¹⁶⁰ S (7.I.1955), em *Id.*, *Solo per amore*, 159.

¹⁶¹ São Bernardo de Claraval, santa Brígida da Suécia e são padre Pio de Pietrelcina já haviam recordado o valor da santa chaga do ombro tão pouco lembrada; também a apontaram como a mais dolorosa de todas as chagas de Nosso Senhor (cf. SINDE, Pedro, *Devoção à santa Chaga do ombro: de são Bernardo à beata Alexandrina*, em http://alexandrina.balasar.free.fr/sinde_devocao_chaga_ombro.htm, 14.II.2021).

Durante o êxtase de 29 de agosto de 1941, um sacerdote e outro homem que assistiam ao fenómeno tentaram levantar Alexandrina do chão enquanto estava prostrada no caminho para o Calvário. Aconteceu que não puderam segurá-la, que então pesava cerca de quarenta quilos. Entretanto, ao passar à quinta estação, ou seja, no momento em que o Cireneu ajuda Jesus a carregar a Cruz, o doutor Azevedo repetiu o pedido, e não dois, mas apenas um homem foi suficiente para levantá-la sem nenhum esforço. A explicação, segundo o padre Pasquale, é porque «antes, os pesos eram dois; da segunda vez, tratava-se apenas do peso da vidente». Ou porque a cruz tinha «um peso mundial», como noutra ocasião afirmou a dirigida ao padre Pinho (cf. COSTA, A., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 12).

¹⁶² Durante o êxtase de 29 de agosto de 1941, um sacerdote e outro homem que assistiam ao fenómeno tentaram levantar Alexandrina do chão enquanto estava prostrada no caminho para o Calvário. Aconteceu que não puderam segurá-la, que então pesava cerca de quarenta quilos. Entretanto, ao passar à quinta estação, ou seja, no momento em que o Cireneu ajuda Jesus a carregar a Cruz, o doutor Azevedo repetiu o pedido, e não dois, mas apenas um homem foi suficiente para levantá-la sem nenhum esforço. A explicação, segundo o padre Pasquale, é porque «antes, os pesos eram dois; da segunda vez, tratava-se apenas do peso da vidente». Ou porque a cruz tinha «um peso mundial», como noutra ocasião afirmou a dirigida ao padre Pinho (cf. COSTA, A., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 12).

¹⁶³ Essa unidade eucarística-mariana nota-se muitas vezes quando o Senhor e a Virgem Santa lhe pedem para falar do Rosário. Por exemplo, COSTA, A., *Solo per amore*, 157ss.

Essa devoção recorda, em síntese, o que foi propriamente a vida da beata: o amor à Eucaristia, a união aos sacrários, a contemplação da Paixão que move à expiação, a mediação de Maria Santíssima e a promessa de salvação das almas que o fizerem devotamente.

Agora, quantas vezes a «vítima de todos os tipos de pecados»¹⁶⁴ ouve as queixas do Rei Sacramentado, ofendido e continuamente crucificado por causa de tantos pecados e ingratidão. Várias vezes o Senhor pede a Alexandrina e ao padre Pinho que prediquem também sobre a profanação do domingo, os pecados de impureza, gula, suicídio. Diante de tantos males, a devoção aos sacrários aparece como um chamado para evitar o castigo do mundo por sua degradante situação¹⁶⁵.

A devoção remete a contemplar a presença do Amor dos amores, a fazer que Jesus seja visitado e amado por muitas almas e que estejam «em graça e ardendo de amor»¹⁶⁶, que seja recebido muitas vezes com os «corações puros, puríssimos e sedentos»¹⁶⁷, «e não com morte pelo pecado, pelo sacrilégio»¹⁶⁸. É convite à confiança, a pedir tudo de que necessitamos, a viver do sacrário. É chamado à união que leva ao conhecimento, e o conhecimento amoroso transforma a vida.

Se vierem ao sacrário com as disposições necessárias e rezarem o Rosário, pelo menos um terço dele, todos os dias, não precisarão de mais nada para afastar a justiça de Deus. O sacrário, o Rosário e as minhas vítimas, a vítima deste Calvário, são suficientes para que o mundo receba perdão e paz. Quem vem ao sacrário vive puro, quem vive à sombra da minha bendita Mãe vive da sua pureza. E assim a humanidade vive essa vida nova, pura e santa tantas vezes recomendada por Mim neste quartinho.¹⁶⁹

¹⁶⁴ S (12.III.1955), em PASQUALE, H., *Alejandrina: alma de vítima y de apóstol*, 157.

¹⁶⁵ Cf. C (15.X.1934). Já em 1935, Jesus pediu que um ato de desagravo fosse rezado pelo Papa, todos os anos, no dia 1º de janeiro, em comunhão com todos os bispos e párocos do mundo, unidos «com uma fervorosa comunhão de fiéis, sobretudo crianças inocentes» (C (18.VII.1935)).

¹⁶⁶ S (26.XI.1954), em Id., *Solo per amore*, 159.

¹⁶⁷ *Ibid.*, S (10.XII.1954), 159.

¹⁶⁸ *Ibid.*, S (1.VII.1955), 160. Em 1946, revivendo os sentimentos de Jesus, dita para o seu diário este relato de tanta dor pelos sacrilégios contra a Eucaristia: «Vi todo o meu sangue fluir no mundo... desprezado e pisoteado. Minha carne é comida pela humanidade e em seguida vomitada. Que horror! Seria melhor ser comida pelas feras!» (COSTA, A., *A Paixão de Jesus em Alexandrina*, 33). Por isso é chamada a ser aquela que guarde o Sangue de Jesus para que não seja derramado inutilmente (cf. S (16.I.1948)).

¹⁶⁹ S (10.XII.1954), em Id., *Solo per amore*, 159.

3.3 Como Maria aos pés da Cruz

Tu és a vida das almas.¹⁷⁰

No primeiro capítulo¹⁷¹ dissemos brevemente que a vida de Alexandrina configura um mistério de *mãe*, não somente pela relação com os mais necessitados, mas sobretudo por sua preocupação com a salvação de todas as almas, por seu amor por cada pecador, cada alma do purgatório e, particularmente, cada sacerdote. Sendo tal seu amor pelas almas, decidimos aprofundar um pouco mais sobre a importância do mistério de maternidade espiritual que resume, num certo sentido, tudo o que foi a sua vida.

A missão de mãe espiritual tem sua origem e fundamento na maternidade espiritual de Maria, assumida de modo mais concreto aos pés da Cruz (cf. Jo 19, 26-27). No Calvário, Maria se oferecia junto a seu Filho. O Filho, gerado em seu seio puríssimo, associa-a de modo mais íntimo à redenção do mundo. A nova Eva, a *Ave*, como a saúda o arcanjo Gabriel, não tendo nenhuma mancha de pecado, era a única que podia receber, e de fato acolheu, aos pés da Cruz, os frutos da redenção do novo Adão. E Ele mesmo lhe confia com a palavra *eis o teu filho* a missão de distribuir os efeitos da redenção e tornar possível sua eficácia na vida da Igreja e no mundo¹⁷².

Aos pés da Cruz, Maria é mãe do mundo, mãe dos homens, mãe da Igreja. Com o Sumo Sacerdote, Ela se oferece como mãe dos sacerdotes, seja por lei de batismo ou de ministério. Após a morte de Jesus, foi mãe especialmente dos apóstolos, que necessitavam de amparo na grande prova de fé no momento do aparente fracasso do Messias. Agora continua sendo refúgio seguro para todos os filhos de Deus, que a recebemos como Mãe por graça e misericórdia¹⁷³.

¹⁷⁰ Palavras de Jesus a Alexandrina, S (29.XII.1944).

¹⁷¹ Cf. GOMES SILVA, Gabriella, «A beata Alexandrina e sua vida eucarística (I)», *Sapientia Crucis* XXIV (2023) 55-93.

¹⁷² Cf. JOÃO PAULO II, *Audiência geral* (23.IV.1997). Maria é também mulher eucarística que nos guia para viver e tornar fecundo o mistério eucarístico que celebramos, adoramos e recebemos (cf. *Id.*, *Ecclesia de Eucharistia*, 53ss; SaC 96).

¹⁷³ No entendimento da maternidade da Virgem, o Concílio ainda deixa claro que nenhuma criatura se compara ao Verbo Encarnado, único Mediador. No entanto todos os fiéis participam de seu sacerdócio de várias maneiras, cooperando assim com a única mediação exercida por Jesus Cristo nosso Redentor. Nessa mediação sua Santíssima Mãe tem um lugar privilegiado. Por isso, a Igreja é chamada a ser virgem e mãe à semelhança

Como Jesus, que recebeu o consolo de sua Mãe e permaneceu fiel até a última hora, Alexandrina também experimentou várias vezes o consolo da Mãezinha. Ela conta como sempre pôde contar com seu auxílio, particularmente nas provas mais duras de grandes sofrimentos físicos ou morais e nas supremas agonias durante os êxtases da Paixão. Pode-se dizer que perseverou até o fim porque aprendeu de Maria as dimensões mais profundas do *fiat* à vontade do Senhor.

Imitando Maria, sempre se ofereceu pelas almas em geral, isto é, por toda a humanidade, por todos os pecadores. Foi de tal forma associada à missão de Maria que várias vezes Ela ou Jesus nomeiam Alexandrina *mãe da humanidade, mãe das almas, mãe dos pecadores, rainha e mãe do mundo, rainha e mãe de todos os pecadores*¹⁷⁴.

Alexandrina está identificada com Maria enquanto é filha de Deus Pai, esposa de Cristo e mãe da humanidade que lhe foi confiada. Sua vida de sacrifício oferecido por amor ao Senhor configura uma verdadeira maternidade espiritual, não pela dor em si mesma, mas especialmente pelo amor que se assemelha ao amor do próprio Deus. Pouco antes de morrer disse-lhe o Senhor: «Lança as tuas redes em sangue, as tuas redes de tormentos indizíveis e inigualáveis. Lança-as para os sacerdotes... São tantos a ofenderem-Me, a traírem-Me. Quanto sofrem os Nossos Corações!»¹⁷⁵.

Leiga e cooperadora salesiana, Alexandrina tinha ardente no coração o lema de são João Bosco: *Dai-me almas e ficai com o resto*. Isso destaca mais uma vez sua alma apostólica: só quer almas, nada mais deseja deste mundo¹⁷⁶.

Estou com fome, com muita fome de almas. Quisera engolir o mundo. Sinto-me cada vez mais como a mãe dele. Que loucura de amor, a minha, por esse mundo que é engano, lama, imoralidade! Sou mãe, mas ah, que mãe louca! Sou mãe que chora a perda dos seus filhos, sou mãe que não

de Maria, que juntas cooperam com Cristo para que todos os homens sejam regenerados na graça e gerem Cristo no mundo (cf. LG 56; 61; 62).

¹⁷⁴ S (26.X.1945; 10.I.1947; 1.XII.1944; 28.XII.1945). A união com a Mãe do Céu é evidente em orações como esta: «Ajudai, minha querida Mãezinha, o vosso Jesus a imolar e sacrificar esta que quer dar o sangue e a vida pelas almas e pelo teu Jesus. Dai-me, Mãezinha, a tua pureza, a tua humildade, a tua obediência; dai-me as tuas virtudes para que eu seja santa, para dar toda a glória ao teu Jesus para quem só quero viver» (A 104).

¹⁷⁵ S (29.VII.1955), em PASQUALE, U., *Fátima e Balasar*, 29.

¹⁷⁶ Isto é muito evidente num discurso impressionante dirigido aos seus visitantes em 25.IX.1953 (cf. ROCHA, A., *Flor eucarística*, 246ss).

suporta vê-los em tamanha desordem, em tanta miséria, em tantos crimes... Sou mãe que chora muito, mas lágrimas de sangue que banham toda a humanidade. Não consigo resistir a tanta dor, não posso dar-me paz! Quero salvar o mundo, quero sofrer tudo, quero dar a minha vida por ele!¹⁷⁷

Entretanto, nesse cuidado pelas almas de modo geral, gostaríamos de ressaltar seu amor e veneração pelos sacerdotes¹⁷⁸, pelos quais oferecia sacrifícios, orações, o mês de maio etc. Seus escritos narram acontecimentos particulares em que se oferecia por pessoas específicas, entre elas sacerdotes que urgentemente necessitavam de oração e sacrifício ou mesmo corriam perigo iminente de perdição.

Alexandrina é modelo de maternidade espiritual¹⁷⁹, mas que importância tem isto para a vida da Igreja, do mundo e daqueles por quem se oferece, de modo especial para a vida dos sacerdotes? A mãe espiritual faz tudo o que uma mãe faz por seu filho, de forma não biológica, senão espiritual, e não por isso menos real. A boa mãe dá à luz, doa-se, alimenta, sacrifica-se, dá a vida, e dá-a em cada circunstância; renuncia a si mesma pelo bem do outro, sofre calada e, mesmo na dor, é capaz de enxugar com alegria as lágrimas do filho; consola, acalma, tranquiliza, corrige¹⁸⁰; tem a

¹⁷⁷ S (6.III.1945), em *Id.*, *Solo per amore*, 103.

¹⁷⁸ Eis um episódio cheio de simplicidade e bom humor que prova este profundo zelo pela pessoa do sacerdote: «Ainda na Póvoa de Varzim lembro-me de que tinha muito respeito pelos sacerdotes. Quando estava sentada à porta da rua, só, ou com minha irmã e primas, levantava-me sempre à sua passagem e eles correspondiam tirando o chapéu, se era de longe, ou dando-me a bênção se passavam junto de mim. Observei algumas vezes que várias pessoas reparavam nisto e eu gostava e até chegava a sentar-me propositadamente para ter ocasião de levantar-me no momento em que passavam por mim, só para ter o gosto de mostrar a minha dedicação e respeito pelos ministros do Senhor» (A 24).

¹⁷⁹ Em 2007, a Congregação para o Clero publicou uma carta na qual destaca a beata Alexandrina entre as mulheres que são modelo de maternidade espiritual para nossos tempos, especialmente para a figura do sacerdote. O documento contém um episódio notável no qual Alexandrina, ao receber a revelação do Senhor acerca de um sacerdote português que estava prestes a perder-se, oferece-se por sua salvação (cf. CONGREGACIÓN PARA EL CLERO, *Adoración eucarística para la santificación de los sacerdotes y maternidad espiritual*, Madrid: BAC 2018, 30-31).

¹⁸⁰ O postulador da causa de beatificação, Ettore Calovi, escreveu: «Teve de fazer repreensões, algumas vezes, mas preocupava-se por chegar até o coração e levar as pessoas a considerar suas faltas por aquilo que representam de ofensa a Deus. Por causa das almas infieis à graça, vertia lágrimas, rezava e sofria, oferecendo-se heroicamente por elas» (Positio Diocesana do processo de beatificação: *Bracarensis Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Alexandrinae Mariae Da Costa, Virginis. Articuli pro cons-*

boa palavra e o silêncio oportuno; é dócil e doce, cheia de ternura; é, em suma, como Maria, expressão viva do amor de Deus: ama com o amor com o qual Ele nos ama, de modo incondicional e tal como somos; seu ventre clama quando o filho padece¹⁸¹, por tal vínculo que os une, e por isso, onde ela está, reza, chora, entrega-se, expia, salva.

A mãe é, portanto, expressão e continuação do amor redentor de Cristo. Também os sacerdotes são chamados pais, pais espirituais, porque estão associados ao mistério da paternidade de Deus que Se doa para salvar a humanidade decaída. A missão de uma mãe espiritual está unida à missão do sacerdote, como outrora estava Maria unida a Jesus e a João no Calvário. Ali a Mãe entregava-se com, sofria com, morria com, e tudo por amor a seu Filho e por aqueles pelos quais Ele Se entregava.

Não há, entre as criaturas, nenhuma mais configurada a Cristo do que Maria Santíssima. Ela é por excelência mãe, refúgio dos pecadores, consoladora dos aflitos, auxílio dos cristãos, porta do Céu... É interessante notar entre os nomes que Alexandrina recebe do Senhor alguns muito semelhantes aos dados à Virgem, por exemplo, *poderosa com Ela, espelho das virgens, espelho da humanidade, estrela, redentora* que continua a mesma obra de Cristo; ou quando é comparada a uma *torre* que ilumina o mundo¹⁸². Por Maria as almas vão para o Céu, e Alexandrina é escolhida para participar intimamente desse mistério, como Nossa Senhora lhe disse: «Minha filhinha, rainha escolhida por mim e meu divino Filho, estarás no Céu a meu lado e do meu divino Filho em trono de rainha: Eu como Rainha do Céu e tu como rainha da terra»¹⁸³.

Como *mãe e rainha*, é também espelho a ser olhado e imitado, porque em sua vida habitam as ciências divinas¹⁸⁴. Alexandrina é assim verdadeira escola: escola de dor e amor; escola de pureza e de todas as virtudes; escola onde se aprendem todas as maravilhas de Jesus, a amar, a sofrer;

truendo Processu Ordinario Super Fama Sanctitatis, virtutum et miraculorum Servae Dei Alexandrinae Mariae Da Costa, Virginis, Balasar, 1966, art. 53).

¹⁸¹ Linguagem empregada com base nos sofrimentos e imagens utilizadas pela beata Alexandrina. Por exemplo, S (3.IV.1942).

¹⁸² S (2.VIII.1947; 5.XII.1947; 24.X.1952; 5.I.1952; 9.III.1945; 13.III.1945).

¹⁸³ S (15.XII.1944).

¹⁸⁴ Cf. S (5.I.1945).

«escola toda, toda da vida divina»¹⁸⁵, «a primeira escola e a última escola de tão grandes maravilhas»¹⁸⁶, na qual todos hão de estudar e aprender.

Alexandrina recebe também uma missão especial de rezar pelos sacerdotes e de assumir seu lugar enquanto vítima de satisfação pela salvação das almas. Especialmente os sacerdotes, uma vez configurados a Cristo Cabeça, são chamados a ser vítimas no sentido mais estrito, e Jesus exclama a Alexandrina que muitos deles, ao invés de oferecerem-se como tais, estão mais ocupados em aumentar o sofrimento de seu Coração e em ofendê-Lo¹⁸⁷. Por isso lhe pede mais uma vez:

Dá-Me dor, dá-Me dor. Minha filha, és vítima do mundo, do mundo inteiro, mas és mais, muito mais, dos sacerdotes, que, às dezenas, às centenas, aos milhares, renovam a minha sagrada Paixão.¹⁸⁸

Nosso Senhor rogava também ao padre Pinho que exortasse esses discípulos de Jesus a recordarem seus deveres, a examinarem o quanto O ofendem e a emendarem-se¹⁸⁹.

Alexandrina considera-se responsável pelas almas, sente que deve consagrá-las a Jesus, responder por cada uma delas. Os sacerdotes, contudo, são consagrados e escolhidos de modo especial para conhecer a vida divina nas almas e o modo como Deus Se lhes comunica. São instrumentos da ação do Espírito Santo na vida da pessoa. E Jesus manifesta que eles têm de aprender em Alexandrina o que significa o mistério da vida divina numa criatura. Se ela recebe tantos elogios, dos quais sempre se

¹⁸⁵ S (28.III.1952).

¹⁸⁶ S (21.II.1947).

¹⁸⁷ Cf. S (1.XI.1947).

¹⁸⁸ S (3.V.1952). Outro relato impressionante lê-se em 1939, quando Nosso Senhor lhe diz em forte clamor: «“Miserável, desgraçada! Paga-Me a dívida mais penosa e de maior valor. É a dívida dos sacerdotes: a dívida mais cara. Ofereceste-te a Mim por eles como vítima: paga-Me. Eles calcam aos pés a minha Carne, o meu divino Sangue [referência clara aos sacrilégios na Missa]. Paga-Me, miserável, paga-Me, desgraçada!” “Ai, meu padre [seu diretor, padre Mariano Pinho] – escreve Alexandrina –, figurava-se que o corpo de Nosso Senhor estava todo em pedacinhos e andava a ser esmigalhado aos pés. Que aflição! E sobre mim caiu também o peso esmagador e Nosso Senhor dizia-me”: “É o peso da justiça divina; é o peso que os devia esmagar a eles!” “Ó meu Jesus – responde – eu quero que sobre mim venha toda a vingança, toda a justiça divina; mas quero que eles se salvem e se voltem deveras para Vós e se encham todos do vosso divino amor, para que possam incendiar as almas numa só chama de amor por Vós”» (S (21.VIII.1939), em PINHO, M., *No Calvário de Balasar*, 129).

¹⁸⁹ Cf. C (3.IX.1935).

viu indigna, Jesus mesmo lhe diz que não é para si mesma, mas para falar ao mundo, para mostrar-lhe «o que é a minha vida divina nas almas e o que é uma vítima generosa fidelíssima»¹⁹⁰.

Essas palavras ecoam no coração de cada sacerdote. Ninguém é associado ao mistério de Cristo tanto quanto esses seus filhos prediletos. O Senhor quer fazer resplandecer esta vida divina em cada sacerdote, para que este, uma vez que a possua, possa compreender o mistério divino nas almas que lhes são confiadas. A seriedade de sua tarefa consiste em que ninguém como o sacerdote é chamado a salvar almas e dar sua vida pelas ovelhas do rebanho de Cristo.

Se grande é o mistério sacerdotal, grande é também a missão daqueles que são chamados a velar pelos sacerdotes. Como Maria a São João, que permanece no Calvário porque ali estava sua Mãe de pé, cuidar dos sacerdotes é cuidar dos filhos amados de Deus, que, agindo *in persona Christi*, fazem seu Corpo e Sangue presentes no mundo. Se enfrentam muitas batalhas para levar a cabo tão sublime missão, recebem de Deus graça suficiente para cumpri-la, apoiados na ajuda do Céu e daqueles que se oferecem por e com eles para a glória de Deus e o bem das almas.

O Céu abre-se, minha filha, pela tua dor, para aqueles para quem estava fechado. Tu és a chave com que os pecadores abrem a porta da mansão celeste. Tem coragem, minha filha, tem coragem. O mundo não é tão cruel para ti como o foi para Mim. Se és perseguida, também Eu o fui. És caluniada, o teu Esposo Jesus foi-o também... Ó minha filha, minha filha, não duvides da tua vida, é a verdade pura, é a verdade tal e qual é a vida de Jesus, só a vida de Jesus em ti. Olha, minha filha, tem presente, sempre presente, aquelas almas que prometeram serem minhas, que se consagraram a Mim, e estão às portas do inferno, já nas garras de Satanás. Só a dor, só o martírio as pode arrancar. Só a tua imolação contínua as pode salvar.¹⁹¹

Por último, pode ser conveniente esclarecer que a responsabilidade pelas almas que o Senhor lhe designou, explanada por tantos elogios e chamados inconstantes, ou por tantas expressões que podem causar impressão ou certo ceticismo, não constitui uma categoria soberana ou exclusiva das outras missões na Igreja. Pelo contrário, ressalta o fato extraordinário por excelência da identificação com Cristo recebida no

¹⁹⁰ S (1.II.1947).

¹⁹¹ S (18.I.1952).

batismo¹⁹² e que se desenvolve à medida que alguém vive conforme as promessas batismais e cresce na vida de virtudes.

É certo que cada cristão realiza a missão de Cristo Redentor; é o mesmo Cristo, em quem Deus Se faz presente no mundo. Por isso, o que Deus opera em Alexandrina indica antes de tudo os altos graus de participação no Mistério aos quais chega uma alma quando se abre à ação divina, que quer fazer grandes maravilhas em cada um de nós. É inegável, porém, que Ele escolhe fazê-lo de uma maneira especial em algumas almas, e isso não desvaloriza a missão de outras. Antes demonstra a ação do Espírito Santo na vida da Igreja, que não cessa de enriquecê-la de carismas a fim de mostrar o que é o mistério da vida divina na alma e a grandeza da união com Ele, sempre com o desejo de atrair todos ao seu amor, para abrir-lhes o Céu com a ajuda e o exemplo dessas almas e, por conseguinte, também de Alexandrina.

Sede sempre a minha força e deixai-me entrar no vosso divino Coração com todos os que me são queridos, para que os recompenseis por mim, dando-lhes todas as vossas graças e todo o vosso amor. Deixai-me entrar com todos os sacerdotes, para que aprendam do vosso divino Coração e se assemelhem a Vós. Deixai-me entrar com todos os pecadores, para que se convertam e não Vos ofendam mais. Deixai-me entrar com todos os que me têm ofendido, para lhes perdoardes e dardes por mim também o perdão. Deixai-me entrar com o mundo inteiro, para que todo ele seja salvo, pois dentro em vosso divino Coração não corre mais perigo.¹⁹³

Pensar a vida de Alexandrina como mãe espiritual é entender que, como Maria, ela busca orientar o sacerdote e cada alma para Deus, recordando o significado de glorificá-Lo em cada obra; inspirando a ordem do amor no trato com Ele, com os homens e com cada criatura; e ajudando intimamente em sua salvação, oferecendo-se mediante orações e sacrifícios,

¹⁹² «Todos os fiéis, seja qual for seu estado ou condição, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade» (LG 40). Comentando o texto conciliar, o Papa João Paulo II escreve: «Este ideal de perfeição não deve ser mal compreendido como se implicasse uma espécie de vida extraordinária, praticável apenas por alguns gênios de santidade. Os caminhos da santidade são múltiplos e adequados à vocação de cada um... É hora de propor de novo a todos com convicção este alto padrão de vida cristã ordinária. Toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve ir nessa direção. Mas também é claro que os caminhos da santidade são pessoais e exigem uma pedagogia de santidade verdadeira e própria, capaz de adaptar-se aos ritmos de cada pessoa» (JOÃO PAULO II, carta apostólica *Novo millennio ineunte* (6.I.2001), 31).

¹⁹³ S (27.IV.1945), em *Id.*, *Solo per amore*, 125.

indo ao encontro de cada um para anunciar-lhes o amor de Deus. Isso os leva a ter um espírito adorador, unido a Deus a cada instante, que é o mesmo que ser contemplativo, a ser vítimas expiatórias com Cristo e missionários para fazê-Lo amado em cada lugar. Isto é precisamente o mistério da Missa tornado vida. Isto foi a vida da beata em relação à Eucaristia, sua identificação com Cristo e seu labor apostólico. Isto é precisamente o que Senhor, com Alexandrina, deseja de cada um de nós. Isto é ser alma eucarística.

Conclusões

1. Síntese

A vida e obra da beata Alexandrina Maria da Costa centra-se na Eucaristia e no chamado a reparar os pecados da humanidade, acompanhando os sacerdotes, de modo a consolar Jesus e fazê-Lo amado por todos. Assim nos decidimos fixar neste mistério que se explica não por meio de um tratado sistemático escrito pela autora, mas sim a partir de sua própria vida.

O quanto tem a ensinar a vida desta humilde aldeã, que sequer conheceu os clássicos de teologia e espiritualidade, encontra resposta na graça. O mistério de sua vida é grande porque nele se veem os cumes dos efeitos da graça numa alma. Entre suas virtudes, destaca-se sua excelente conformidade com a vontade de Deus. Sua fidelidade e abandono abriram as portas para as grandes obras que o Senhor quis realizar nela, chegando às consequências máximas da identificação com Cristo. O extraordinário encontrou assim assento no mais simples e ordinário, elevando-o ao sublime.

Do século XVII ao XX, podemos perceber o chamado de Deus ao triunfo dos Corações de Jesus e de Maria. Vale a pena recordar a muito conhecida santa francesa Margarida Maria Alacoque (1647-1690) e seu destacado papel na devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Dois séculos mais tarde, o Senhor pedia à irmã Maria do Divino Coração (1863-1899) a consagração do gênero humano ao Coração de Jesus, realizada pelo Papa Leão XIII em 1899.

O século XX, por sua vez, marca o triunfo do Coração de Maria na consagração feita por Pio XII com especial dedicação, embora pouco afamada, atribuída à beata Alexandrina. Um ano antes de seu falecimento, ouvia de Jesus que sua vida era semelhante à da Igreja que há de combater até o fim dos séculos. Através de seus lábios, o Senhor mencionava uma

grande crise que afetava inclusive os sacerdotes e religiosos infiéis à sua consagração, por isso pedia constantemente reparação e penitência. Em seus escritos, observa-se a unidade dos Corações de Jesus e de Maria, amados e ofendidos em consonância, num século em que Deus é esquecido no mundo e na própria Igreja.

As duas grandes guerras mundiais, a propagação do comunismo e de várias ideologias infundadas em nossos dias demonstram até que ponto pode chegar a maldade do homem e as terríveis consequências do esquecimento e do afastamento de Deus, que levam ao individualismo, ao extremo vazio e à solidão. Nossa Senhora havia apontado em Fátima a devoção a seu Imaculado Coração como remédio contra os males da Rússia que se alastravam pelo mundo.

Contemporânea à mensagem de Fátima, o Senhor manifestou particularmente a Alexandrina o desejo de que o mundo fosse consagrado ao Imaculado Coração de Maria. O Papa Pio XII fê-lo pela primeira vez a 31 de outubro de 1942 por radiomensagem em português; no dia 8 de dezembro seguinte, unido com toda a Igreja, repetiu-a de modo solene para alcançar a paz para o mundo e o fim da Segunda Guerra Mundial.

Já em 1953 Alexandrina fez um discurso admirável com um sentido bastante profético, anterior ao Concílio Vaticano II. Nele, além de demonstrar seu único desejo de almas, de ser o *tapete da humanidade* na porta do Paraíso e incentivar à unidade da Igreja, falou de famílias que se fecham a uma nova vida ou que delimitam ao mínimo o número de filhos. Revelava assim a triste realidade do aborto e da contracepção, temas que posteriormente seriam abordados por Paulo VI na *Humanae vitae*, em 1968.

As mensagens dirigidas tanto em Fátima como em Balasar apontam para um mesmo centro: a Eucaristia, juntamente com o convite à reparação para consolar Jesus tão ofendido no Santíssimo Sacramento e para salvar os pecadores. A palavra do Anjo da Paz dirigida aos pastorinhos em 1916, prévia às aparições de Nossa Senhora, indicam o triunfo do Corações de Jesus e de Maria, que têm sobre nós desígnios de misericórdia. Mais tarde, a confiança nesta misericórdia foi o grande apostolado da santa polaca Faustina Kowalska (1905-1938). Como solicitado pelo Senhor, a Festa da Divina Misericórdia foi estabelecida em 2000 pelo Papa João Paulo II, sendo celebrada em toda a Igreja no segundo domingo de Páscoa ou Domingo da Misericórdia.

Voltando à nossa beata, sua vida alcançou o extraordinário das profundas experiências vividas e contadas, por exemplo, pelos grandes mestres espirituais espanhóis são João da Cruz e santa Teresa. Sua mística descreve um pequeno caminho que se tornou uma grande escola de amor, de mística, de santidade, em suma, uma escola de vida cristã.

Sua vida merece o atributo *eucarística* (donde se entende o título que escolhemos: *A beata Alexandrina e sua vida eucarística*), sendo luz e modelo para todos os cristãos. É eucarística por sua entrega total a Jesus e por seu amor sempre apaixonado e renovado pela Eucaristia. É eucarística enquanto é vítima de reparação para toda a humanidade, uma alma profundamente humilde e com um sorriso admirável mesmo na doença, ficando paralisada por mais de trinta anos. Como vítima, foi intimamente associada a Jesus Cristo em sua Paixão, experimentada misticamente por quase dezessete anos. É assim comparada a uma hóstia do Senhor, oferecida voluntariamente e por eleição divina como vítima para consolar Jesus nos sacrários e para a salvação dos pecadores. Não havendo recebido a cura insistentemente suplicada ao Senhor, foi conformando-se com a vontade divina e ofereceu-se como vítima. Essa oferta inicial repetiu-se cada dia e moldou sua missão. É importante lembrar, entretanto, que essa aceitação livre e generosa do sofrimento designa não um amor ao padecer em si mesmo, senão uma disposição sincera e renovada de, por meio do sofrimento, demonstrar amor a Deus e de torná-Lo conhecido e amado por todos. Por isso, mesmo na dor, era feliz, porque tal conformidade com o querer de Deus é verdadeira fonte de alegria.

É também eucarística enquanto é apóstola da Eucaristia, cuja missão foram os tabernáculos e os pecadores, e a quem foi confiada a devoção eucarística das seis primeiras quintas-feiras. Amante e missionária de Jesus Eucaristia, incansável na tarefa de fazê-Lo amado por todos, passou ao cume do viver da Eucaristia quando se alimentou apenas deste Pão de Vida durante os últimos treze anos de sua vida; também quando recebeu misticamente em suas próprias veias o próprio Sangue de Nosso Senhor (uma novidade para a mística cristã), ou quando teve seu coração substituído pelo Coração de seu amado Esposo ou o viu unido, num só, aos Corações de Jesus e de sua Mãe.

Configurada ao mistério de Cristo, que é Sacerdote e Vítima no Calvário e na Missa, a vida de Alexandrina tem sua fonte e culmina como vida eucarística enquanto é contínua adoração e ação de graças a Jesus, seu Amor eucarístico, oferecendo-se e sendo oferecida como sacrifício de amor e reparação, como verdadeira mãe daqueles que perpetuam o

santo sacrifício do altar, em particular os sacerdotes, e do mundo inteiro. Tudo isso porque foi escolhida desde o *ventre de sua mãe* (Jer 1, 5) para carregar com Cristo o peso do mundo, como membro de seu Corpo, a Igreja, e ser custódia de seu maior bem: a Eucaristia. Agora, pois, ela continua sua missão na assembleia dos santos até que todas as coisas estejam reunidas em Cristo (cf. Ef 1, 10) e se consuma seu incessante cântico *por Jesus e pelas almas* no eterno cantar do *Sanctus*.

2. A mensagem da beata Alexandrina em nossos dias

Esta última reflexão pretende responder a algumas perguntas. Qual a importância da vida de Alexandrina para o tempo presente? Qual o sentido de falar da Eucaristia num século marcado pela perda do sentido do pecado, de Deus e do sagrado? Que papel tem o cristão no mundo, iluminado pela luz da Eucaristia e pelo exemplo da beata?

Primeiramente, alguém que se ponha a estudar Alexandrina vai descobrindo um abismo que parece não ter fim, uma espécie de compêndio dos mistérios divinos que se condensam na vítima de Balasar. Quanto mais se adentra neste mar de maravilhas de Deus, mais se imerge num oceano de riquezas que o ilustra, deleita e comove.

Ali encontra narrativas que lhe podem parecer reiteradas; no entanto, lidas e meditadas uma e outra vez, têm uma força atualizadora semelhante à do Evangelho, capaz de dar luz e transformar aqueles que se deixam inundar pelo amor de Cristo. A vida dos santos nada mais é do que um evangelho vivo entre os homens, que, seja ou não registrado em obras literárias, deixa para sempre sua marca na história e naquele que contém o melhor e mais importante escrito: o *livro da vida* (Ap 3, 5).

2.1 Chamado à conversão

O “grande livro” da beata move-nos a dar glória a Deus por tê-la concedido como um dom precioso para a Igreja e o mundo. A ela também agradecemos por sua correspondência com os planos divinos. Sua vida enche-nos do desejo de alcançar essa intimidade com Deus, de que Cristo viva em nós, de que tenhamos seus mesmos sentimentos, e, uma vez identificados com Ele, cheguemos à glória. Mesmo sem êxtases, visões ou revelações particulares, de cada um de seus amados filhos o Senhor deseja só amor, conversão, penitência, sacrifício, compaixão... porque está sedento de almas.

Seu testemunho é também luz para um tempo marcado por uma profunda crise existencial, social e eclesial, imerso em tantas tragédias morais ou ambientais. É um tempo de graça que o Senhor nos concede para fortalecer a confiança em sua infinita misericórdia. Um tempo de escuridão e incerteza que, no entanto, não deixa de possuir beleza para quem tem fé. E se a fé é provada, a resposta está no amor que Deus nos tem e no fato de Ele ter querido estar conosco na Eucaristia. Neste mundo esquecido de Deus, somos chamados a retornar ao Único necessário, que é fonte e meta de nossa vida. Se adorar é o que compreende a vida eterna, onde contemplaremos Deus face a face, esta vida presente só tem sentido na adoração. Esta é nossa vocação e predileção. Somos convidados a ser almas eucarísticas, a adorar Jesus em cada lugar onde habita sacramentado por aqueles que não O adoram, a amá-Lo ardentemente e fazer-Lhe companhia por aqueles que O desprezam. Esta é a fonte de um mundo novo, puro, um mundo eucarístico, como o Senhor deseja.

A mensagem de Alexandrina tem um caráter profético para o mundo e a Igreja de seu tempo e de nossos dias entranhados pela perda do sentido de Deus e do pecado; a falta de fé na presença real de Jesus na Eucaristia; uma grande indiferença e irreverência para com o Santíssimo Sacramento, profanado, ultrajado e descuidado em milhares de altares e tabernáculos; a dessacralização e banalização da liturgia, ou o esquecimento de sua dimensão sacrificial; a propagação de ideologias, ataques à Igreja e ao sacerdócio, perseguições aos cristãos até o fechamento de igrejas etc. Diante de tudo isso, ecoa o que o Senhor lhe havia dito: o remédio para todos os males e para transformar o mundo encontra-se na Eucaristia.

Seu legado aponta também à devoção à Eucaristia, ao Rosário e ao amor pelas almas; convida a acompanhar Jesus com Maria, a comungar bem, com devida preparação, reverência e amor; à conversão, a reconhecer a gravidade e os efeitos do pecado; a evitar a dispersão, soberba e preocupação com coisas secundárias; remete ao mistério da maternidade espiritual, ao cuidado dos fiéis, dos sacerdotes e do mundo inteiro, a ter um amor especial por todas as almas, cada uma querida infinitamente por Deus; e finalmente recorda a dignidade do sacerdócio e o zelo litúrgico.

2.2 Ciência da cruz

Alexandrina é também escola de amor à cruz e de compreensão do sentido do sofrimento. A cruz não é querida como um fim em si mesma, mas como um meio escolhido por Deus para salvar-nos: o Filho aceita a

humilhação até a morte de cruz para cumprir a vontade do Pai e satisfazer nossa culpa. A cruz converte-se então em sinal de vitória. Este é o mistério da vida de Cristo e da alma vítima.

Ser vítima não significa ser amargado, senão encontrar uma dita nova, uma alegria na e apesar da cruz. O sofrimento é um certo castigo ou pena pelo pecado, próprio ou assumido em favor de outros, que na Cruz de Cristo adquire um valor salvífico. O padecimento é assim necessário para tornar-nos puros, castos (em latim, a palavra castidade, *castitas*, tem a mesma raiz latina do verbo castigar, *castigare*). É meio de salvação para nós mesmos e para aqueles pelos quais nos oferecemos; meio imprescindível e eficaz para o encontro com Deus.

Segundo a disposição de quem o recebe, a dor converte-se numa mestra, uma escola de amor. De fato, no momento de extremo sofrimento no alto da Cruz, Cristo deu a maior prova de seu amor louco e incondicional pelo homem. Essa oferta inigualável é atualizada e perpetuada em cada Santa Missa. Como recordava o Venerável Fulton Sheen, a Cruz e a Missa são o mesmo. Esta não é uma repetição daquele sacrifício agonizante no Calvário, mas o mesmo sacrifício renovado de modo incruento e excelso.

Por outro lado, nossa participação neste sacrifício de expiação entende-se nas palavras do apóstolo com respeito a suportar em nossa *carne o que falta aos sofrimentos de Cristo* (Col 1, 24). Todo pecado renova a Paixão do Senhor. Com efeito, Jesus sofreu pelos pecados passados, presentes e futuros de toda a humanidade. Pela expiação podemos verdadeiramente consolá-Lo, em virtude da previsão de nossos agravos no mesmo momento de sua agonia. Por isso, como a Santa Missa é o sacrifício atualizado da Paixão de Jesus, nossa reparação é eficaz e atual em vista da eficácia do mistério redentor cada dia renovado no altar.

Ainda hoje Deus suscita em muitos corações o anelo de oferecer-se pela salvação das almas, de ser almas vítimas e eucarísticas em seu sentido mais profundo. Viver da Eucaristia denota não tanto o extraordinário de possuí-la como único alimento, mas sim, essencialmente, tê-la como centro e meta de cada ação que realizamos. Deixá-la ser nossa vida, o que nos mova e que através de nós se faça vida nos outros. Vivendo da Eucaristia, cada cristão também pode ser eucaristia onde quer que vá. É aí que é chamado a ser uma vítima oferecida inteiramente por Cristo e com Cristo para dar vida à Igreja e ao mundo.

A alma vítima dá seu generoso sim ao Senhor, está pronta a aceitar a vontade de Deus, a sofrer tudo por amor a Ele e pelo bem das almas. Não

olha para si mesma, mas vive mais unida à oferta sacrificial de Cristo Jesus. Une-se a Ele de tal forma que sua vida é um abraço à cruz, uma oferenda sempre renovada, uma união cada vez mais perfeita com Cristo crucificado e Vítima eucarística, que Se entrega livremente e Se nos dá por inteiro. Esta alma sustenta a mão de Deus e o peso de sua ira, que com ela salva muitas almas que se perderiam caso não houvesse quem se sacrificasse livre e silenciosamente por elas.

O Espírito não cessa de clamar por estas almas generosas porque não cessa seu desejo de atrair todos a Si. A alma configurada com o Salvador atrairá muitos a Ele quando for cravada na cruz, deixando-se consumir no amor que dá vida. Posta no alto da cruz, arrasta multidões ao Coração amantíssimo de Jesus, e ela, de mãos dadas a outras, chega pela cruz à glória.

2.3 Retornar à Eucaristia

Por último, gostaríamos de considerar o exemplo de Alexandrina em seu ensinamento sobre o valor da Eucaristia e que nos estimula a seguir seu apostolado. Este sacramento é o grande mistério de nossa fé. Mistério de total despojamento, no qual se contêm todos os tesouros da vida divina e, por conseguinte, da vida cristã. A suprema dignidade habita a carne humana; a suprema grandeza esconde-se numa aparência humilde e soberana. Nos relatos bíblicos da pedagogia salvífica, *Deus escolheu a fraqueza do mundo para confundir os fortes* (1Cor 1, 27); em Balasar, Deus escolheu esta frágil doentinha para fazê-la eucaristia, no sentido de sinal de salvação como vítima e apóstola. Contudo também ela tem sido aparentemente insignificante, desconhecida e esquecida, semelhante ao que amiúde acontece com a Eucaristia.

A experiência dos últimos séculos ensina que o grande remédio para os males que permeiam o mundo e a própria vida da Igreja é o triunfo dos Corações de Jesus e Maria e a confiança na misericórdia de Deus, que clama por conversão e reparação. Na verdade, a solução encontra-se na descoberta da ternura de Deus e no retorno à Eucaristia, verdadeiro Sol do mundo, como dizia são Pio de Pietrelcina (1887-1968), capaz de purificá-lo e conduzi-lo a uma autêntica liberdade. Ela é alimento e força dos que sofrem, tesouro de virtudes, onde a dor e o sacrifício encontram sentido e onde se recebe a capacidade para a acolhida e entrega do dom. Ali, conhecendo e experimentando Cristo, o homem descobre quem é e

realiza-se de um modo mais autêntico. Colmado d'Aquele que é a Vida, encaminha-se à plena realização antecipada na Comunhão sacramental.

O testemunho de Alexandrina impulsiona-nos a sermos apóstolos da Eucaristia. Isto significa ser testemunho vivo da Eucaristia, falar dela, amá-la e fazê-la amada; tornar conhecida sua riqueza e doar aos outros seus tesouros recebidos; honrar e venerar tão grande mistério e fazer com que seja celebrada e recebida com todo amor, fervor e reverência; trabalhar para que chegue a todos os lugares e catequizar todos que não a conhecem. Inclui o ser vítima, sacerdote e alimento, à imitação de Cristo, Vítima e Sumo Sacerdote, que Se faz Pão de Vida. É viver na e da Eucaristia, alcançando o ideal da perfeição cristã: *Já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim* (Gal 2, 20). É aceitar e oferecer tudo como sacrifício de expiação pelos pecadores; dar o remédio que cura toda enfermidade; ser um com Cristo para que Ele seja tudo em todos; ser Cristo no meio daqueles que estão sempre famintos d'Ele. É ser hóstia e sacrário, adorador e missionário; um raio de luz nas trevas; sol que ilumina não por seu próprio brilho e alimento que sacia não por si mesmo, senão pela configuração com Aquilo que se recebe. É ser receptáculo e doador, como se pretendesse pagar uma dívida ou recompensar uma dádiva que não possui preço equivalente. É saborear todos os mistérios da vida divina encerrados na Hóstia Santa; e, tendo provado insondável mistério e passado com ele da morte à vida, do Calvário à glória da Trindade, aspirar a testemunhá-lo ao mundo inteiro para que todos creiam e sejam salvos.

Unidos com Ele e vivendo d'Ele, na presença d'Ele, nossa vida torna-se uma adoração perpétua. Na adoração é Jesus quem nos espera por primeiro. Ele tem ânsia de que estejamos com Ele em qualquer circunstância em que nos encontremos. Em cada sacrário, Ele é Prisioneiro de amor para dar-nos vida em abundância, para que adoremos o Pai em união com Ele. Na Eucaristia dá-se a mais perfeita união entre o Céu e a terra; o Céu toca a vida do homem que é transformado em nova morada da Trindade. O coração eucarístico vive, pois, da Eucaristia, totalmente entregue a Deus; é adorador e tem uma nova vida: a mesma vida divina. Porque, quando recebemos este Santíssimo Sacramento, somos convertidos n'Ele, nossa vida é preenchida e conduzida à plenitude do amor.

Essa plenitude de amor é o que, objetivamente, compreende a santidade, que implica não uma imposição ou um modo forçado de viver, mas virtude, conformidade e conaturalidade com o bem. Exige, claro, esforço, mas está muito longe de ser metódica ou sensacionalista, vaga ou um “superpoder”. O heroísmo da virtude é a retidão no mais simples,

que se alcança com a constante capacidade de retificação e a fidelidade no pouco que possibilita ser *fiel no muito* (Lc 16, 10). O herói então se faz não tanto pelo extraordinário (que evidentemente tem sua importância, mas secundária), senão principalmente pelo grau excelente alcançado no que quicá para muitos seja menosprezável. A santidade designa uma profunda simplicidade, pois simples é o próprio Deus. A vida do santo torna-se então um modelo, um conto e em alguns casos um *best-seller* para crianças, jovens e adultos, homens e mulheres que aspiram ser como ele. Deste autêntico herói, que não se conforma com pouco, o grande segredo é a Eucaristia, sem a qual não há vida cristã nem santidade.

Ao receber Jesus na Eucaristia, comungamos do mistério de toda a sua Vida, ou seja, Ele todo, o mesmo Deus encarnado, morto, ressuscitado e feito Alimento. É o Senhor por inteiro, que em inconcebível humildade quer permanecer conosco, dentro de nós, ser um conosco, ser em nós. Como exclamava santo Tomás no prodigioso hino *Adoro Te devote*, ali, na Cruz, não vemos sua glória escondida na humilhação; aqui, na Santíssima Hóstia, não vemos sua humanidade, mas sabemos pela fé que é o Corpo glorioso do Senhor. E esta sublime união entre Deus e homem só será superada e plenificada na visão eterna de Deus, a qual, sem necessidade do véu sacramental, será uma comunhão viva e direta, um gozo sem fim.

Estas núpcias eternas antecipadas no banquete eucarístico é a meta da vida do homem. Iniciada no batismo, a vida divina cresce e frutifica em nós através dos sacramentos. É próprio da teologia procurar conhecer a vida de Deus e o modo como Ele habita e opera nas almas, na história e no mundo. Esta vida, quanto mais a experimentamos e gozamos num diálogo ininterrupto com o Amor, mais nos revestimos de sua graça e mais místicos, santos e perfeitos nos tornamos. Aos sábios, à Igreja e ao mundo, então, transmite-se hoje o desejo do Senhor outrora manifestado a Alexandrina: que os teólogos e doutores, sacerdotes e fiéis estudem esta *mestra e doutora das ciências divinas*, porque nela resplandecem a verdade, as maravilhas de Deus e a mesma vida de Jesus Cristo. Se deseja torná-la conhecida, é antes de tudo para que, mediante ela, seja Ele mesmo conhecido e amado.

Gabriella Gomes Silva

Referências

1. Bibliografia primária

- COSTA, Alexandrina Maria da, *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa*, I: *Autobiografia*, Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019³. (= A)
- , *Obras completas de Alexandrina Maria da Costa*, III: *Diário autógrafo*, Alexandre Freire Duarte (ed.), Balasar: Fundação Alexandrina de Balasar e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa de Braga 2019.
- , *Cartas ao Pe. Mariano Pinho*, S.J. (1933-1938) (= C)
- , *Sentimentos da Alma* (1942-1945) (= S).
- , *A Paixão de Jesus em Alexandrina Maria da Costa: Uma mística do nosso tempo*. Escritos da Alexandrina ordenados por Humberto M. Pasquale. Porto: Edições Salesianas 1979.
- , *Un essere umano che soffrì, una vita divina che vinse*. Seleção e tradução por Umberto Pasquale, Milán: Nazareth Editrice 1989.
- , *Croce di Trionfo: um amore che non há nè condizioni nè limiti! (La Passione del Redentore)*, Pessano (MI): Mimep-Docete 2011.
- , *Figlia del dolore, madre di amore. Quasi una autobiografia*, Eugenia e Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docete 1993.
- , *L'amor che muove il sole e l'altre stelle*, Eugenia e Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docete 2008.
- , *Solo per amore! Quasi un'autobiografia*, Eugenia e Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docete 2006.
- , *Zampilli Incandescenti*, Eugenia e Chiaffredo Signorile (eds.), Pessano (MI): Mimep-Docete 2007.
- PASQUALE, Humberto M., *Alejandrina: alma de víctima y de apóstol*, Madrid: Edibesa 2010.
- , *Beata Alexandrina*, Porto: Edições Salesianas 1998⁹.
- , *Fátima e Balasar: duas terras irmãs*, Porto: Cavaleiro da Imaculada 1989³.
- , *La Messagere de Jesus pour la Consecration du Monde au Coeur Immaculé de Marie*, Paris: Tequi 1980.

- , *Sotto il Cielo di Balasar: profilo biografico della Serva di Dio Alexandrina M. da Costa*, Roma: Postulazione Casa Generalizia Salesiana 1979.
- PINHO, Mariano, *No Calvário de Balasar: Alexandrina Maria da Costa*, Braga: Apostolado da Oração 2005².
- , *Uma vítima da Eucaristia. Alexandrina Maria da Costa: a doentinha de Balasar*, Balasar: Pároco de Balasar 1975⁵.
- SIGNORILE, Eugénia e Chiaffredo, *Alexandrina, voglio Imparare da Te!*, Gorgonzola (MI): Gamba Edizioni 2004.
- , *Sulle ali del dolore*, Gorgonzola (MI): Gamba Edizioni 2004.
- , *Vida Interior da Beata Alexandrina: «Meu Senhor e Meu Deus»*, Braga: Apostolado da Oração 2009³.

2. Documentos do proceso de beatificação

- Positio diocesana do processo de beatificação: *Bracarensis Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Alexandrinae Mariae Da Costa, Virginis. Articuli pro construendo Processu Ordinario Super Fama Sanctitatis, virtutum et miraculorum Servae Dei Alexandrinae Mariae Da Costa, Virginis*, Balasar: 1966.
- Beatificationis et canonizationis servae Dei Alexandrinae Mariae da Costa Positio super Virtutibus*, Typis Polyglotis Vaticanis, 1991.
- Beatificationis et canonizationis servae Dei Alexandrinae Mariae da Costa Summarium*, Typis Polyglotis Vaticanis, 1991.

3. Magistério

- BENTO XVI, exortação apostólica *Sacramentum caritatis* (22.II.2007). (= SaC)
- CONCÍLIO VATICANO II, constituição *Sacrosanctum Concilium* (4.XII.1963).
- , constituição dogmática *Lumen gentium* (21.XI.1964). (= LG)
- , decreto *Ad gentes* (7.XII.1965).
- CONGREGACIÓN PARA EL CLERO, *Adoración eucarística para la santificación de los sacerdotes y maternidad espiritual*, Madrid: BAC 2018.
- FRANCISCO, carta encíclica *Laudato si'* (24.V.2015).
- JOÃO PAULO II, *Audiência geral* (23.IV.1997).

- , carta aos sacerdotes (8.IV.1979).
- , carta apostólica *Salvifici doloris* (11.II.1984).
- , carta apostólica *Novo millennio ineunte* (6.I.2001).
- , carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17.IV.2003).
- , *Homilia na concelebração eucarística para a proclamação de seis beatos* (25.IV.2004).
- PIO XI, carta encíclica *Miserentissimus Redemptor* (8.V.1928). (= MR)
- PIO XII, carta encíclica *Mediator Dei* (20.XI.1947).
- , *Radiomensagem aos fiéis portugueses por ocasião da consagração da Igreja e do género humano ao Coração Imaculado de Maria* (31.X.1942).

4. Bibliografia secundária

- AMORTH, Gabriele, *Dietro un Sorriso: Alessandrina Maria da Costa*, Milano: Edizioni Paoline 1992.
- CARMELO DE COIMBRA, *Um caminho sob o olhar de Maria. Biografia da Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, O.C.D.*, Avessadas: Edições Carmelo 2017².
- COSTA BROCHADO, *Fátima à Luz da História*, Lisboa: Portugalia 1948.
- FERREIRA, José, *A Balasar da Alexandrina*, Balasar: Edição do Autor 2018.
- , *Até aos Confins do Mundo*, Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim 2007.
- , *Balasar Antiga*, Balasar: Edição do Autor 2014².
- , *Vinde Todos à descoberta da Alexandrina*, Balasar: Fábrica da Igreja de Balasar 2005².
- FERREIRA, Pedrosa, *Alexandrina: Nos caminhos do crucificado*, Porto: Edições Salesianas 2017.
- GIACOMETTI, Giulio -SESSA, Piero -SIGNORILE, Eugenia, *La Gloria dell'Uomo dei Dolori nel Sorriso di Alexandrina*, Tavagnacco (UD): Segno 2005.
- IZQUIERDO, César, *El Mediador, Cristo Jesús*, Madrid: BAC 2017.
- LÚCIA DE JESUS, *Documentos de Fátima*, António Maria Martins (intr., subtítulos e notas), Porto: L. E. 1976.

- , *Memórias da Irmã Lúcia I*, Luís Kondor (compilação), Joaquín María Alonso (intr. e notas), Fátima: Fundação Francisco e Jacinta Marto 2015¹⁷.
- MOLHO DE FÁRIA, *A Devoção aos Servos de Deus (acerca do «Caso de Balasar»)*, Balasar: Edição do Pároco de Balasar 1959.
- PEDROSO, Dário, *Alexandrina, Apóstola da Eucaristia: Devoção das 1^{as} Quintas-feiras*, Braga: Apostolado da Oração 2007.
- PEÑA, Ángel, O.A.R., *Beata Alexandrina da Costa: Una sonrisa celestial*, Lima-Perú.
- ROCHA, Afonso, *Alexandrina e o Coração de Jesus*. Reims: Alex-Diffusion 2007.
- , *Alexandrina: Maria dos Sacrários*, Reims: 2016.
- , *Alexandrina: O diabo e o inferno existem*, Reims: Alex-Diffusion 2016.
- , *Flor Eucarística: Alexandrina Maria da Costa*, Reims: 2016.
- , *O Sangue do Cordeiro: Alexandrina Maria da Costa*, Reims: Alex-Diffusion 2007.
- SESBOÜÉ, Bernard, *Jesucristo, el único Mediador. Ensayo sobre la redención y la salvación, I: Problemática y relectura doctrinal*, Salamanca: Secretariado Trinitario 1990.
- SHEEN, Fulton, *El Calvario y la Misa: para meditar la Santa Misa*, Badajoz: Arca de la Alianza 2011.
- SINDE, Pedro, *Fulgores de Fátima: Pensando a mensagem*, Lisboa: MIL 2017.
- , *Fulgores do Sacrário: O pequeno caminho da Presença de Deus e lições da Beata Alexandrina*, Fátima: Cidade do Imaculado Coração de Maria 2021.
- SILVA, M. Fernando, *Caminhos de Balasar: Biografia da Beata Alexandrina*. Prior Velho: Paulinas 2010.

Índice

II. O mistério da Eucaristia em Alexandrina Maria da Costa90

1. A vida eucarística de Alexandrina enquanto adoração
e ação de graças 92
 - 1.1 Hino aos sacrários 94
 - 1.2 Viver da Eucaristia e ser eucaristia 99
2. A vida eucarística de Alexandrina enquanto vítima..... 105
 - 2.1 Alma sacerdotal: vítima que oferece, que se oferece
e é oferecida..... 106
 - 2.2 Identificada com Cristo: êxtases da Paixão 109
 - 2.3 Alma vítima: amar, sofrer, reparar 115
 - 2.4 A malícia do pecado e o terror do inferno..... 121
3. A vida eucarística de Alexandrina enquanto apóstola..... 126
 - 3.1 Os sacrários e os pecadores 127
 - 3.2 Devoção das seis primeiras quintas-feiras..... 132
 - 3.3 Como Maria aos pés da Cruz 136

Conclusões 143

1. Síntese..... 143
2. A mensagem da beata Alexandrina em nossos dias 146
 - 2.1 Chamado à conversão 146
 - 2.2 Ciência da cruz 147
 - 2.3 Retornar à Eucaristia..... 149

Referências..... 152

1. Bibliografia primária..... 152
2. Documentos do proceso de beatificação..... 153
3. Magistério 153
4. Bibliografia secundária 154